

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano de Superação da Extrema Pobreza - Brasil sem Miséria

O Plano visa retirar 16,2 milhões de brasileiros da extrema pobreza, por meio de ações de transferência de renda, inclusão produtiva, e acesso a serviços públicos nas áreas de educação, saúde, assistência social, saneamento e energia elétrica

Palácio do Planalto, 02 de junho de 2011

Boa tarde a todos.

Eu queria cumprimentar o nosso vice-presidente, Michel Temer,

O nosso senador, presidente do Senado, José Sarney,

O deputado federal Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados,

A ministra Tereza Campello, ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Eu queria, ao cumprimentar a Tereza, agradecer à Tereza por todo o seu esforço na elaboração, junto com os demais ministros, do programa Brasil sem Miséria, e dizer a vocês que a Tereza superou grandes dificuldades para, nesse período, estar elaborando o Programa. Então, nossos aplausos à Tereza e àquela linda menina sentada ali, de laço.

Queria cumprimentar todos os ministros aqui presentes. Cumprimentar o ministro Palocci, da Casa Civil; o ministro José Eduardo Cardozo, da Justiça; Ruy Nogueira, interino das Relações Exteriores; o ministro Guido Mantega, da Fazenda; Alfredo Nascimento, dos Transportes; Wagner Rossi, da Agricultura; Fernando Haddad, da Educação; Carlos Lupi, do Trabalho e Emprego; Garibaldi Alves, da Previdência Social; Alexandre Padilha, da Saúde; Edison Lobão, de Minas e Energia; Miriam Belchior, do Planejamento; Paulo Bernardo, das Comunicações; Francisco Gaetani, interino do Meio Ambiente; Pedro Novais, do Turismo; Fernando Bezerra Coelho, da Integração Nacional; Afonso Florence, do Desenvolvimento Agrário; Mário Negromonte, das Cidades; Ideli Salvatti, da Pesca; Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral; José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; Luís Adams, da Advocacia-Geral da União; Luiz Navarro, interino da CGU; Luiz Sérgio, das Relações Institucionais; Helena Chagas, da Comunicação; Wellington Moreira Franco, de Assuntos Estratégicos; Luiza Bairros, da Igualdade Racial; Maria do Rosário, dos Direitos Humanos; Iriny Lopes, de Políticas para as Mulheres. Queria cumprimentá-los e agradecer a cada um pela participação nesse processo de elaboração do Brasil sem Miséria.

Queria dirigir um cumprimento especial ao nosso querido José Graziano da Silva, que foi o nosso primeiro ministro de Combate à Fome e do Desenvolvimento Social.

Queria agradecer também a cada um dos governadores,

E cumprimentar o governador da Bahia, Jaques Wagner,

O nosso querido Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro,

Pedi para o Sérgio dar uma chegadinha aqui e mostrar para vocês o cartão dele, que ele vai lançar, como complementação do Bolsa Família. Quando chegar o cartão, Sérgio, eu te chamo outra vez, mas só mais uma vez. Olha o cartão em complementação ao Bolsa Família. É muito importante – com cadastro único – é muito importante que não só nós integremos as ações dos ministros, mas, também, que nessa questão, que é uma questão nacional, nós tenhamos essa participação efetiva dos governadores.

Queria cumprimentar o meu querido companheiro Eduardo Campos, de Pernambuco, e a minha amiga Renata Campos, primeira-dama de Pernambuco,

Queria cumprimentar o governador Marcene Perillo, de Goiás,

O governador Silval Barbosa, de Mato Grosso,

O nosso governador em exercício do Rio Grande do Sul, Beto Grill,

Queria cumprimentar o Domingos Filho, governador em exercício do Ceará,

O Ricardo Coutinho, governador da Paraíba,

Renato Casagrande, do Espírito Santo,

Teotonio Vilela Filho, de Alagoas,

Marcelo Déda, de Sergipe,

O Tião Viana, do Acre,

Agnelo Queiroz, do Distrito Federal,

Confúcio Aires Moura, de Rondônia,

Camilo Capiberibe, do Amapá,

Queria cumprimentar todos os senadores aqui presentes e, ao fazê-lo, cumprimento a Ana Rita, a Angela Portela, Aníbal Diniz, Antonio Carlos Valadares, Ataídes Oliveira, Benedito de Lira, Eduardo Suplicy, Gleisi Hoffmann, Humberto Costa, Jorge Viana, José Pimentel, Lídice da Mata, Lindbergh Farias, Marta Suplicy, Paulo Davim, Paulo Paim, Rodrigo Rollemberg, Valdir Raupp, Vanessa Grazziotin, Wellington Dias e Wilson Santiago.

Cumprimento também os deputados federais, Antonio Brito, Assis do Couto, Benedita da Silva, Cândido Vaccarezza, nosso líder de governo, Carlos Almeida,

Célia Rocha, Edmar Arruda, Fátima Pelaes, Fernando Marroni, Heleno Silva, Íris de Araújo, Jony Marcos, José De Filippi, José Guimarães, Luci Choinacki, Mariinha Raupp, Nazareno Fonteles, Nilton Lima, Onofre Santo Agostini, Pastor Eurico, Pastor Everaldo, Paulo Freire, Ronaldo Fonseca, Rui Costa, Saguas Moraes, Salvador Zimbaldi, Sandra Rosado, Zeca Dirceu.

Queria também cumprimentar a nossa governadora Rosalba Ciarlini do Rio Grande do Norte e dirigir um cumprimento todo especial para a querida Marise, que esteve aqui representando os beneficiados pelo Bolsa Família que transformaram suas vidas.

Queria agradecer ao presidente da Associação Brasileira dos Supermercados pelas suas palavras.

E dizer aos senhores e às senhoras que, ao longo da nossa história, o nosso país, sem sombra de dúvidas, abriu muitas portas para o futuro. Mas, de forma imperdoável, deixou algumas portas ostensivamente fechadas e outras apenas entreabertas.

Nós estamos aqui, hoje, para juntos abriremos de uma vez a grande porta de entrada no século XXI. Eu acredito que se essa porta, governadores, tivesse sido aberta um século atrás, ou pelo menos nessa última década antes do século XXI, nós seríamos agora um país bem mais próximo de realizar nosso sonho e nosso destino de grandeza e de originalidade, característica do Brasil. Graças a Deus, o Brasil vem abrindo e recuperando seu atraso e nada, mas nada mesmo, vai mudar o fato de que nós vamos continuar abrindo essa porta da pobreza.

O governo do presidente Lula produziu um avanço espetacular porque descobriu que, enquanto o Brasil deixasse de fora essa imensa força construtiva que é seu povo, não se transformaria em uma grande nação. Talvez, seja essa a maior contribuição que nós, que participamos do governo Lula, demos ao Brasil.

É verdade que nós incluímos, nos últimos anos, milhões e milhões de brasileiros que estavam esquecidos, que estavam à margem da história. É verdade também que era imprescindível incorporar esses brasileiros na construção de um novo Brasil, dando a eles, ao mesmo tempo, a alegria - porque há alegria nisso - e a esperança de reconstruir suas próprias vidas.

Como muito bem disse a ministra Tereza Campello, não são estatísticas, são pessoas com vidas vividas, com experiências e com sonhos. Sem eles nosso futuro estaria irremediavelmente comprometido; sem eles nós ficaríamos imobilizados no passado e no ciclo vicioso do país crescer, interromper o crescimento e não ter sustentabilidade.

Foi assim, foi com esse sonho e com essa determinação que o Brasil tirou 28 milhões de pessoas da pobreza e elevou a 136 milhões as classes médias. O que era um imperativo de ética, o que era um imperativo de princípios cristãos tornou-se, também, não só uma defesa concreta de direitos humanos, mas tornou-se também uma imensa força, uma poderosa chave para que a gente desenvolvesse o país e levasse o desenvolvimento econômico a um outro patamar.

A ascensão social desses milhões de brasileiros diminuiu a desigualdade, sem sombra de dúvida, mas também ampliou o nosso mercado interno, tornou o nosso país mais sustentável e acelerou nosso desenvolvimento econômico.

O Brasil provou ao mundo que a melhor forma de crescer era distribuindo renda e provou também que a melhor política de desenvolvimento era o combate à pobreza.

O Plano Brasil sem Miséria, que estamos lançando hoje, nasce com base nessa filosofia e nesses princípios. Ele vai além, aperfeiçoando e avançando por esse caminho que nós construímos.

Não preciso repetir as explicações técnicas que a ministra Tereza Campello, brilhantemente, deu aqui. Eu prefiro mencionar certos aspectos políticos e conceituais do nosso Plano. Como a ministra Tereza já explicou, o Plano Brasil sem Miséria cria, renova, amplia e, especialmente, integra vários programas sociais. Ele faz parte da nossa experiência, ele é fruto do que conquistamos e acumulamos ao longo desses anos. E ele também articula ações do governo federal com estados e municípios. E aí, prefeito Edvaldo, eu queria saudar cada um dos prefeitos, que foram os atores privilegiados para que a gente implantasse o cadastro do Bolsa Família. E, prefeito Edvaldo, muitas mãos, inclusive a sua, estiveram nesse ato de abolição, a mão de todos os prefeitos. E, ao saudá-lo, saudando também todas as prefeitas – saudando a Mícarla e todas as demais prefeitas –, eu quero, especialmente, fazer essa observação: nós precisamos de vocês para continuar... de vocês, de cada um, de cada prefeito – do prefeito e da prefeita – para que a gente possa fazer esse Plano avançar.

Nós também, como a Tereza mostrou, vamos atuar de forma diferente. Vamos usar programas diferentes nas cidades, vamos usar programas diferentes para a área rural, para o campo brasileiro. Através de cada um dos três eixos – transferência de renda, inclusão produtiva e acesso aos serviços públicos, acesso a tudo o que o Estado pode dar –, nós pretendemos melhorar a vida de 16 milhões de brasileiros que ainda estão na pobreza extrema.

Mas o Plano também tem um efeito: o de gritar, o de afirmar para todos nós que a miséria ainda existe no Brasil. Este, talvez, seja o grande mérito deste Plano, porque é trazer para a pauta de todos os governos o objetivo, o compromisso, a determinação de lutar, a cada dia, para que o Brasil não tenha mais miséria. E dizer que dela não podemos nos esquecer um só minuto enquanto governarmos, que devemos fazer todo o esforço, todo e qualquer esforço para superá-la. E dizer que a luta contra a miséria é, sim, dever do Estado. É, antes de tudo, dever do Estado, mas é também uma tarefa de todos os brasileiros e brasileiras deste país.

Vem também para nos alertar, para deixar claro para nós que, se somos capazes de dar atenção aos problemas e crises que se instalam pela vida, não podemos nos esquecer da crise mais permanente, mais desafiadora, do problema maior deste país, e mais angustiante, que é termos a pobreza crônica ainda instalada em nosso país.

Por isso, meus queridos amigos e amigas aqui presentes, a pobreza levou muito tempo, mais de três séculos, para ser tornada um tema no Brasil, para entrar na pauta política ou para fazer parte do debate nas nossas universidades e academias.

Foram precisos mais de quatro séculos para que seu combate se convertesse de fato em uma política prioritária de governo. A população pobre, a nossa população pobre, os nossos pobres já foram acusados de tudo, inclusive de serem responsáveis pela sua própria pobreza.

Já disseram que, se nós déssemos Bolsa Família, eles se conformariam com a pobreza. Já disseram, de forma absurda, que as causas da pobreza eram o clima, o clima tropical, o nosso sol, e a miscigenação. Já disseram, e em parte tinham razão, se a gente fosse olhar a raiz, que uma das causas da nossa pobreza era a escravidão. Mas a escravidão passou há muito tempo e a falta de vontade política ultrapassou a escravidão.

Nós vimos pessoas bem-intencionadas, mas equivocadas, reverenciarem a tese muito fatalista de que haveria uma predestinação à exclusão nas populações dos países não-desenvolvidos. Acreditaram que milhões de seres humanos nasciam condenados a serem párias eternos, porque a economia mundial não tinha como incorporá-los.

Foi a fase inicial de um processo excludente muito dramático, que levou, muitas vezes, os governos a acharem que não era necessário fazer esforços para que nós tirássemos a população pobre da sua condição, pois era uma causa perdida.

A população pobre, raramente ela foi vista da maneira que deveria ser enxergada. Ela tem de ser enxergada como construtora de futuro, integrada por seres capazes de construir sua própria riqueza, capazes de construir sua própria dignidade.

O pobre, no Brasil, foi sempre o grande invisível, o desnecessário, o jamais incluído. Assim como, no passado remoto, muitos olhos ficaram cegos para o grande tráfico negreiro que manchou o Atlântico, outros olhos também estiveram cegos, por décadas e décadas, para milhões de brasileiros que morriam de fome e sede, que se atiravam em caravanas de milhões para o Sudeste ou em multidões ainda mais desesperadas para os seringais do Norte, para as margens da Transamazônica. Era a pobreza se ampliando e, vamos reconhecer, redesenhando o nosso mapa nacional, com seus traços de tristeza, de angústia, de desespero, enquanto muita gente virava o rosto para ela.

Mas, seria terrivelmente injusto não mencionar que sempre houve brasileiros brilhantes, destemidos, corajosos que remaram contra essa maré de insensibilidade e indiferença. Dos abolicionistas do século XIX aos movimentos sociais e sindicais do final do século XX; dos escritores modernistas, dos pensadores sociais dos anos 30 aos intelectuais contemporâneos; dos políticos reformadores do século XX, passando pelas lideranças socialmente comprometidas dos dias atuais, nós temos de reconhecer que muitos deles, muitos deles contribuíram para que nós chegássemos até aqui.

E o Plano Brasil sem Miséria ecoa um pouco, ecoa um pouco e ecoa um muito a voz dessas pessoas. Ecoa a voz de Nabuco, de Gilberto Freyre, de Manoel Bonfim, de Sérgio Buarque de Holanda, de Josué de Castro, de Anísio Teixeira, de Paulo Freire, de Caio Prado Júnior, de Florestan Fernandes, de Darcy Ribeiro. Eles reduziram a cinzas, a pó, as teorias fatalistas sobre a pobreza no Brasil.

O Brasil sem Miséria – e aqui eu quero fazer um agradecimento do fundo do coração – o Brasil sem miséria reflete também as cores e as figuras dramáticas de Portinari, cuja família cedeu para o Plano, cedeu para o Plano, o que me encheu de alegria, cedeu para o Plano, espontaneamente, seu acervo, para uso do Brasil sem Miséria.

O Brasil sem Miséria ecoa também a voz suave – nós lembramos dela – do nosso Betinho que, na década de 70 gritou, com aquela santa indignação do Betinho: “Chega de torneios retóricos, minha gente. Vamos lá: ação, ação, ação, por favor, ação. Porque enquanto a gente discute a melhor maneira de salvar o Brasil, milhões de brasileiros morrem de fome”, disse Betinho.

O Brasil sem Miséria ecoa a voz, o trabalho e o empenho do presidente Lula, cujo governo eu tive a alegria de coordenar e de participar com ele. E a honra de sucedê-lo.

Faço questão de mencionar três pontos do Brasil sem Miséria agora: primeiro, a busca ativa, porque a busca ativa muda o compromisso que nós temos. Nós não mais vamos esperar que os pobres corram atrás do Estado brasileiro. O Estado brasileiro deve correr atrás da miséria e dos pobres deste país. Segundo, a parceria entre as várias esferas de governo, entre governadores e, quero reiterar aqui, esses nossos parceiros, que se espalham por cada canto deste país, os prefeitos e as prefeitas, essenciais para que este Plano dê certo.

E, terceiro, a participação da sociedade. Na verdade, esses três pontos estão interligados, e um tem a ver com o outro, fazem parte de uma unidade. Muito vai depender desse encadeamento entre essas três grandes linhas deste Plano.

Nós sabemos que essa questão de... em vez de obrigar a população pobre a correr desesperada para procurar ajuda, nós vamos mudar. Com esse compromisso, nós vamos mudar. Nós vamos, a partir de agora, através do cadastro, através de todos os elementos, buscar incluir de forma ativa e sistemática. O Brasil sem Miséria é, pois, o Estado brasileiro chegando, o Estado brasileiro dizendo que está pronto para combater a pobreza.

Nós vamos identificar quem não recebe o Bolsa Família, para que receba. Nós vamos identificar os idosos que não recebem aposentadoria, para que passem a receber. E também vamos atrás de quem não tem acesso à água, de quem não tem acesso à luz elétrica, de quem não tem uma unidade básica de saúde, de quem não tem acesso a uma maternidade, para que passe a ter.

Eu sei a importância do microcrédito, do microempreendedor individual e da economia solidária em um plano desses. E nós sabemos que um país que tece uma rede de pequenos empreendedores, de trabalhadores, de médios empreendedores,

é um país... e grandes empresários, é um país que tem um corpo social estável e tem todas as condições para ter cidadãos participantes.

Para os que já têm Bolsa Família nós vamos oferecer crédito, capacitação profissional, e vamos oferecer na zona rural assistência técnica para que eles possam deixar o programa Bolsa Família mais rapidamente.

Nós não iríamos conseguir isso se não contássemos com a parceria dos prefeitos e dos governadores. Por isso, eu reitero, ela é essencial para que nós possamos ir em frente.

Aos senhores governadores e prefeitos aqui presentes, eu quero agradecer o grande apoio à toda ação e parceria que vocês tiveram e vêm dando a este Plano. Quero renovar nosso compromisso de estar junto com vocês pela erradicação absoluta da miséria.

Mais uma vez, eu quero agradecer aos prefeitos. Quero dizer do papel importantíssimo da sociedade. Eu já disse que combater a miséria é, antes de tudo, um dever do Estado, o Estado deve dar o exemplo. Mas, também, como é tarefa de todos, nós vamos fazer uma campanha de mobilização sem apelos emocionais gratuitos e sem dramatizar a miséria. Porém, nós vamos oferecer propostas concretas de engajamento dos vários setores como aliás, já estamos fazendo. Queria, mais uma vez, agradecer aos empresários da construção civil e dos supermercados, em especial, por suas iniciativas na viabilização de um plano de tamanha envergadura. Também queria dizer que eu tenho certeza absoluta de que os outros Poderes da República, aqui representados pelo nosso senador José Sarney, que é presidente do Senado, e pelo nosso deputado federal Marco Maia, presidente da Câmara, eu tenho certeza de que a sensibilidade desses órgãos do Legislativo, juntamente com os do Judiciário, vão ajudar nesse compromisso.

Meus queridos, nós estamos chegando ao fim. Eu sei, também, que o combate à pobreza é um passo essencial, mas não é o único, para o desenvolvimento do Brasil e para um desenvolvimento cada vez mais harmônico. Junto com ele, junto com o Brasil sem Miséria, e não depois dele, nós precisamos implementar outras ações muito decisivas. O governo tem feito isso e vai continuar fazendo.

O Brasil sem Miséria faz parte de uma cadeia em que os elos dessa corrente são o PAC, o Minha Casa, Minha Vida, o Pronatec, todos os programas da Saúde, para mencionar alguns. Estes elos são alimentados por uma política econômica que tem por base o crescimento econômico sustentado, com equilíbrio fiscal, controle da inflação e forte geração de empregos. Essa política econômica, por sua vez, dá sustentação e é sustentada por uma política social que tem por base a distribuição de renda e a diminuição da desigualdade entre as pessoas e as regiões. Foi esse círculo virtuoso que nos fez chegar até aqui e que vai continuar nos conduzindo rumo ao nosso desenvolvimento cada vez maior.

É este o modelo que eu comecei a construir junto com o presidente Lula, e que tenho energia e força para - como presidente - continuar aperfeiçoando e ampliando. O modelo, eu faço questão de repetir, que tem um compromisso profundo com os mais pobres e com a classe média. Como eu disse no meu discurso de posse,

temos que combater a miséria, que é a forma mais trágica de atraso e, ao mesmo tempo, avançar, investindo em áreas sofisticadas, como é o caso da inovação, da ciência, da pesquisa científica e tecnológica.

Nós temos certeza de que a educação é o melhor caminho para fazer as pessoas saírem, de forma definitiva, da pobreza, e para que a classe média melhore seu padrão de vida, e que o Brasil continue crescendo. Sabemos que a qualidade do ensino é e será, sempre, uma prioridade sagrada para todos nós.

Não aceito o fatalismo que diz que a pobreza existe e existirá sempre em todas as sociedades. Isso não é realismo, é cinismo. Estou certa de que devemos e podemos construir nosso caminho para uma sociedade sem miséria, e acredito que nenhum de nós pode fugir dessa luta.

Não tenham a menor dúvida de que eu farei a minha parte, eu darei o melhor de mim. Eu sei que o combate à miséria é uma luta difícil, sei que nós vamos enfrentar muitos desafios. Aliás, os desafios não me imobilizam, os desafios não me tornam refém. Ao contrário, sempre foram eles que me fizeram avançar na vida, sempre. E nenhum de nós pode se dar ao luxo de ser refém do medo ou da timidez. Eu acho que todos nós, cada um de nós, eu tenho certeza disso, nós somos reféns de nossos sonhos e de nossos compromissos com o Brasil. Sei que os senhores e as senhoras aqui presentes pensam assim também. Por isso, eu tenho certeza de que nós vamos, juntos, vencer este desafio. Tenho certeza disso.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura do chamamento público para reconstrução da região serrana do Rio de Janeiro

Na cerimônia, que acontece às 15h30, no Palácio Guanabara, a Presidenta assina o chamamento público para a construção de 6.874 empreendimentos na região, contratos para recuperação e reconstrução de 97 pontes e para a contenção de 66 encostas das áreas afetadas

Rio de Janeiro-RJ, 03 de junho de 2011

Obs: Este áudio contém falhas e será substituído posteriormente.

... mas eu queria cumprimentar o nosso governador Sérgio Cabral, o vice-governador Pezão, e dizer para vocês que é muito importante que, no Brasil, se consolidem parcerias tão fortes como esta que existe entre o governo federal e o governo do estado. É uma parceria de sangue, já. E quando a gente divide dificuldades, como essa que ocorreu na região serrana, parece que a gente vai ficando, inclusive, mais próximos.

Queria cumprimentar também a ministra Miriam,

O ministro Luiz Sérgio,

Cumprimentar o nosso Regis Fichtner,

E queria saudar os prefeitos: o prefeito Laerte Freitas, de Areal; Paulo Barros, de Bom Jardim; Demerval Barbosa, de Nova Friburgo; Paulo Mustrangui, de Petrópolis; Adilson Faraco, de São José do Vale do Rio Preto; Juarez Gonçalves Corguinha, de Sumidouro; e o Jorge Mário, de Teresópolis. Cumprimentá-los porque também eles demonstraram uma grande capacidade de luta diante daquela imensa adversidade que se abateu sobre a região serrana.

Queria cumprimentar também os senhores empresários, que demonstraram também essa solidariedade cívica, tão decisiva para momentos como aquele que nós enfrentamos em janeiro.

Eu queria dizer a vocês – e aqui fazer um testemunho – da competência e da dedicação das pessoas com as quais eu convivi naquele momento. Eu queria fazer esse reconhecimento da dedicação do governador Sérgio Cabral, e da emoção que eu sinto, até hoje, quando eu lembro da atitude do Pezão, ficando lá na região, não se afastando da região. E quero dizer para vocês que o Pezão, ele superou uma série de dificuldades para entrar em contato com o governo federal, no primeiro dia. Para vocês terem uma ideia, ele me ligava de uma padaria, e aí eu conversava com o Pezão (falha no áudio) gente que lida com a questão pública, quando as pessoas dedicam o melhor de si, diante de situações de catástrofe que atingem os

moradores, os brasileiros e as brasileiras que moram nessas regiões. Porque diante da catástrofe, muitas pessoas se sentem impotentes e inativas (falha no áudio) tinha toda a determinação para enfrentar o problema porque era muito difícil.

Quando você enxerga os dramas pessoais, quando você vê pessoas que perderam entes queridos não desistirem, nesses momentos também esses exemplos se tornam muito fortes para cada um de nós.

E, na região, a gente percebe a força desse povo que, diante da catástrofe, não desiste nunca e sai atrás, tentando resgatar seus entes queridos.

Eu queria dizer que, para mim, é muito importante estar hoje aqui e ver que nós começamos a segunda etapa desse processo, porque a primeira etapa era resgatar as pessoas, era impedir - como o Ítalo fazia - que o processo continuasse e atingisse mais vidas humanas. Era também tirar as pessoas de áreas de risco.

Esta segunda etapa, que é a reconstrução, eu acho que ela tem dois aspectos que são muito importantes: um deles é que nós não podemos mais permitir que as pessoas fiquem nas áreas de risco porque, se ficarem nas áreas de risco, não há prevenção, não há contenção de encosta que segure o desastre. Daí porque eu estou muito feliz de estar aqui e parece, Pezão, que a conta é mais de 7 mil casas e, contando com as doações, dá em torno de quanto, Pezão? Sete e seiscentos. Sete [mil] e seiscentos unidades habitacionais. Elas significam que essas pessoas não vão mais estar em áreas de risco. Nós tivemos momentos extremamente tensos, quando a gente sabia que, se continuasse a chover naquela proporção, o desastre poderia ser maior.

Então, ao ver, hoje, que nós estamos conseguindo dar início a um projeto com soluções, com terreno já escolhido, com todos os procedimentos... porque as pessoas olham e acham que, quando uma obra demora a começar, sabe, Sérgio, é porque ninguém fez nada. Pelo contrário, a obra, a hora em que ela começa, uma parte do... nós já subimos e descemos duas vezes o Everest da burocracia e da solução de problemas.

Então, hoje, eu fico muito feliz porque está solucionado um dos processos mais difíceis, que é esse que dá início à obra. Então, eu quero dizer, assim, do fundo do coração: Parabéns ao estado do Rio de Janeiro, aos prefeitos, por nós termos conseguido esse feito.

A segunda questão é que eu acho que agora também certas obras para além da habitação, que é a contenção de encostas e depois será a drenagem – e eu estava aqui conversando com a Miriam – nós temos, dentro do PAC 2, que está sendo aberto já, nós temos recursos para drenagem. E vão ser muito importantes drenagem e contenção de encostas. Eu acho que, nesse segundo momento, são obras de maior vulto, e isso será muito importante para aquela região.

Além disso, eu considero que a reconstrução das pontes é um processo que tem de ser acelerado, porque ele implica até na mobilidade das pessoas saindo e entrando na região.

Então, eu queria saudar, assim, o governo do Rio e os prefeitos. Acho que nós demonstramos que somos capazes de tomar medidas de reconstrução, e teremos de ser capazes também de acelerar essas medidas, que são preventivas.

E queria comunicar aos senhores que nós estamos, aceleradamente, construindo a nossa Central de Prevenção de Acidentes e Desastres. Eu, inclusive, falei ontem com o presidente do Banco Mundial, porque nós queremos, com o nosso processo já em andamento, também ter aporte de experiências de outros países – porque eles têm – no sentido de aprimorar o nosso sistema. E saber que a gente também só terá um sistema de prevenção de acidentes e desastres naturais nesse processo de cooperação.

Não há como sem... em um país continental, em que a Federação é um elemento essencial, nós tenhamos condições de fazer prevenção de desastres e acidentes sem essa relação que nós estabelecemos de uma forma, eu acho assim, exemplar: União, estado do Rio e municípios.

Gostaria de concluir e dizer para vocês o seguinte: Nós vamos estar também, até metade deste mês, lançando o Minha Casa, Minha Vida 2. Nós começamos o Minha Casa, Minha Vida 1 com 1 milhão de moradias; vamos fazer o Minha Casa, Minha Vida 2 com 2 milhões de moradias. E aí eu saúdo os empresários brasileiros, que demonstraram que são capazes. Porque, logo no início, eu recebi, até... Durante a crise, nós resolvemos acelerar o processo de construção de moradias que, ao mesmo tempo em que melhorava a vida das pessoas, aumentava os empregos. E, aí, eu fui conversar com os empresários, Sérgio, e eles me disseram o seguinte: “Não, nós conseguimos fazer só 200 mil”. E, hoje, 200 mil, para nós, é um número que o setor da construção civil brasileira demonstrou que faz de uma forma extremamente tranquila, porque nós contratamos 1 milhão. Duzentas mil é mais ou menos o que sairá por mês, ou de dois em dois meses, neste país, nos próximos anos, porque agora o desafio é maior: nós vamos contratar, até 2014, 2 milhões de moradias do Minha Casa, Minha Vida, sendo que para a população de zero a três [salários mínimos] nós iremos ter em torno de 1 milhão e duzentas.

Então, é algo que será muito importante. E nós vamos lançar. Tem várias alterações, eu não vou dizê-las aqui, porque senão eu lanço aqui. Tem várias alterações, melhorias, faz parte do aprendizado, na segunda etapa de um Programa, você melhora ele. Então, nós temos várias inovações neste Programa.

Eu queria agradecer ao Sérgio, dizer que foi muito importante essa minha agenda aqui. A gente vem lá de Angra, lançando a Plataforma P-56, que é um exemplo de que este país pode produzir plataforma.

Governador Sérgio Cabral: Mas, Presidenta, em meados de julho nós já teremos condições de mostrar ao país essa parceria com a senhora, com o governo federal, desde o presidente Lula e, agora, com a senhora, inaugurando, em julho, mais de 800 residências em Angra dos Reis, atendendo a todos os desabrigados de Angra dos Reis. E os sete prefeitos da região serrana estão especialmente convidados para se inspirarem e verem como o governo da presidenta Dilma trata o povo do Rio de Janeiro e os desabrigados, lá em Angra dos Reis.

Presidenta: Finalizando, então, eu queria dizer que hoje foi um dia muito produtivo para nós, e muito simbólico. Acho que o Brasil mudou, e que nós vamos trilhar esse caminho da mudança, principalmente quando nós somos capazes, também, União, estado e município, de construir um Programa de parceria, como é o programa Brasil sem Miséria, que quer eliminar a miséria do nosso país e nos transformar, de fato, numa grande nação.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de batismo da Plataforma P-56

Na construção da plataforma foram investidos aproximadamente US\$ 1,5 bilhão, e gerados 4 mil empregos diretos e 12 mil indiretos. A utilização de conteúdo nacional alcançou 72,9% e o casco foi totalmente construído no Brasil

Angra dos Reis-RJ, 03 de junho de 2011

Primeiro, eu queria cumprimentar os trabalhadores e as trabalhadoras aqui do Estaleiro e, também, todos os brasileiros que estão aqui trabalhando e construindo um Brasil melhor aqui na indústria naval. O meu grande abraço para cada um de vocês.

O nosso governador Sérgio Cabral, como vocês viram, falou pouco e disse tudo, porque hoje nós estamos aqui numa festa. O que é que nós comemoramos nesta festa? Nós comemoramos, primeiro, esta grande parceria do governo federal com o governo do estado do Rio de Janeiro, aqui representado pelo governador Sérgio Cabral.

Comemoramos também uma parceria com empresários brasileiros, aqui representados pelo nosso querido representante do Sinaval, o Ariovaldo Rocha.

Também comemoramos esta parceria com o senhor Chow Yew Yuen, presidente da Keppel FELS das Américas e senhor Kwok Kai Choong, presidente da Keppel FELS do Brasil.

Nós comemoramos também uma grande parceria com todos os prefeitos do Brasil. Mais especificamente, aqui, eu queria me referir ao prefeito de Angra dos Reis, o senhor Artur Jordão.

Vejam vocês: nós temos aqui, hoje, além de representantes do governo federal... e eu vou saudar dois ministros. Um ministro, que é o ministro Edison Lobão, porque hoje ele representa, pelo governo federal, esse compromisso nosso com um conteúdo local, que significa empregos brasileiros de qualidade para a nossa população. O Lobão disse que aqui nós estávamos numa terra abençoada por Deus. Agora eu acrescento: e bonita por natureza.

Eu queria, também, cumprimentar o Luiz Sérgio, ministro das Relações Institucionais, trabalhador como vocês, com quem eu vim aqui em Angra dos Reis, neste Estaleiro. E naquela época – a gente sempre diz, porque saltava aos olhos –, o mato crescia por entre as pedras e por entre o cimento. Não havia mais aquela força que tinha havido nos anos 80, com a presença de metalúrgicos, de trabalhadores da indústria naval aqui nos estaleiros do Rio de Janeiro.

Por isso, a presença aqui do ministro Luiz Sérgio é importante, porque também ela é um símbolo. Ela é um símbolo de que, no Brasil, os trabalhadores também podem

ser ministros, como podem ser presidente, assim como uma mulher pode ser presidenta do Brasil.

Eu queria agradecer aos senadores Lindbergh Farias e Marcelo Crivella também pela sua contribuição, porque no Senado, no passado, o senador Crivella e, a partir deste ano, o senador Lindbergh, têm compromisso também com o desenvolvimento da indústria naval e o crescimento econômico do nosso país com distribuição de renda.

Eu vou dirigir um cumprimento especial à Luiza Erundina, madrinha da Plataforma P-56. Para ser madrinha da Plataforma P-56, uma plataforma feita 100% no Brasil, feita – a gente pode dizer... são 56 mil toneladas de aço boiando no mar. Mas não é isso que deve nos espantar, nos estarrecer e nos admirar. É o fato de que foram braços e mãos brasileiros que construíram esta plataforma. Aí, a nossa querida deputada, Luiza Erundina. Ela é uma homenagem também que nós prestamos à plataforma porque é uma mulher que saiu das lutas sociais do nosso país, foi prefeita de São Paulo, jamais abandonou seus compromissos com os trabalhadores. A deputada federal, Luiza Erundina, ela orgulha esta plataforma e esta plataforma orgulha a deputada Luiza Erundina.

Agradeço também aos deputados federais aqui presentes.

À Benedita da Silva, nossa Bené,

Ao Fernando Jordão,

À Jandira Feghali,

Ao Zoinho,

E cumprimento cada um de vocês e aí dirijo o meu cumprimento a dois representantes do movimento dos trabalhadores: o João Antonio de Moraes, coordenador da Federação Única dos Petroleiros, e o nosso querido Hélio Severino de Azevedo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Angra dos Reis.

E deixo o final dos meus cumprimentos à Petrobras, aos trabalhadores da Petrobras, a nossa Petrobras, que hoje tem esse compromisso sagrado com a questão do conteúdo local aqui em Angra e em todos os estados da Federação.

E aí, eu cumprimento o nosso Moraes, o presidente da Federação Única dos Petroleiros. E, ao saudá-lo, quero deixar aqui registrado o nosso compromisso cada vez maior de fazer com que o que o Brasil pode produzir seja produzido no Brasil.

Nós temos capacidade, nós temos condições e nós provamos isso. Vou contar para vocês uma pequena história: quando o presidente Lula fez a sua campanha em 2002, ele tomou conhecimento de muitos absurdos porque na campanha eleitoral a gente toma conhecimento de muitas coisas que estão acontecendo e que não aparecem nos jornais. Ele tomou conhecimento de que no Brasil todas as plataformas estavam sendo produzidas lá fora, assim como os navios, assim como as sondas, assim como a maioria dos equipamentos que a Petrobras compra. Ora, a Petrobras é nossa empresa, é uma empresa brasileira, utilizando o mar brasileiro e o território brasileiro para extrair petróleo. Nós não somos um país que não tem capacidade industrial. Nós somos um país com capacidade industrial. Então, o presidente Lula pensou: “Mas, vem cá, por que é que a nossa empresa, brasileira, compra lá fora e não aqui dentro? Não tem porquê. Eu vou assumir”, disse o

presidente Lula, “o compromisso de comprar no Brasil, de produtores brasileiros e de empresários comprometidos com o desenvolvimento do país, tudo aquilo que a Petrobras precisar e nós formos capazes de produzir. O que nós não formos, vamos aprender”.

E aí me mandou – porque ele era presidente da República, ele ordenava aos seus ministros –, me ordenou: “Vá à Petrobras e coloque que, daqui para a frente, nós vamos comprar de estaleiros nacionais, de empresas estabelecidas no Brasil, as plataformas e as sondas. Foi muito difícil, foi muito difícil! Diziam que a gente não era capaz de produzir casco de plataforma, não era, Ariovaldo? Diziam... e não diziam à boca pequena, não. Diziam alto e bom som: “O Brasil não é capaz de produzir casco, o Brasil não é capaz de montar uma plataforma, o Brasil não é capaz de construir e de fornecer equipamentos para a Petrobras”. Vocês vejam o perigo que a gente correu, porque hoje, e cada vez mais, a Petrobras vai ser uma grande investidora no nosso país.

No ano passado, se eu não me engano, ela investiu R\$ 78 bilhões, R\$78 bilhões. A gente fica imaginando: quanto emprego, quanto equipamento, quantas coisas e quanta riqueza pode ser produzida no Brasil. Quanto trabalho, quanto emprego, quanta comida na mesa do trabalhador, quanta garantia de crianças, meninos estudando nas escolas, quanta garantia de uma vida decente para as famílias brasileiras, se nós conseguirmos dirigir esses R\$ 78 bilhões para dentro do Brasil. E foi isso que nós começamos a fazer.

E o Brasil, que não tinha estaleiro mais, que nunca produzia plataforma, nem sonda, nem equipamentos, passou a produzir. Vocês podem hoje, aqui, olhar para tudo isso e dizer: “Nós conseguimos. Nós fomos capazes. E nós fizemos uma cadeia industrial com empregos”.

No que depender de mim, vocês podem ter certeza de uma coisa: eu assumo e reitero, mais uma vez, o meu compromisso com a indústria naval brasileira. Eu assumo o compromisso de sempre querer melhorar o conteúdo nacional.

Nós, agora, temos de querer estabelecer no Brasil uma indústria de “navipeças”. Assim como tem a indústria de autopeças para os automóveis, nós queremos que aqui dentro do Brasil se produza cada peça dessa plataforma.

Nós vamos contar com a parceria desses empresários, como é o caso desses empresários que vêm de longe, como é o caso dos empresários de Cingapura, da Keppel FELS, como é o caso, também, do empresário da Technip aqui presente. Nós podemos contar com eles, porque eles sabem que se vierem para o Brasil terão a garantia de uma demanda: a demanda da Empresa Brasileira de Petróleo S. A. E o que nós estamos fazendo é garantir que o nosso país seja um país cada vez mais rico, porque como nós dissemos hoje, na marca do governo: “País rico é país sem pobreza”. País rico é um país onde seus habitantes têm direito a emprego, têm direito à educação e à saúde de qualidade.

Ontem nós lançamos um programa que se chama Brasil sem Miséria. Durante os oito anos do governo do presidente Lula, que eu tive a alegria de coordenar e a honra de suceder, nós tiramos 28 milhões de brasileiros da miséria. Mas ainda tem

brasileiros na miséria. E nós sabemos que o nosso país só cresceu do jeito que cresceu, nos últimos anos, porque nós tiramos da miséria milhões de brasileiros, e eles viraram consumidores, eles viraram cidadãos. E são eles que fazem com que este país seja rico.

Nós somos um país continental. O Lobão disse: hoje é a sétima economia. Mas para a gente virar a quinta, a quarta [economia], ou as dos primeiros lugares, tem uma condição: nós temos de usar a nossa maior riqueza. E qual é a nossa maior riqueza? É que a gente não é um país pequeno, nós somos um país de 190 milhões. Esses 190 milhões é que são a maior riqueza do Brasil, é que transformam o Brasil numa das maiores nações do mundo. Por isso, nesse programa Brasil sem Miséria, nós queremos tirar da miséria os 16 milhões que ainda ganham abaixo de R\$ 70,00 per capita numa família e, portanto, ganham muito abaixo do salário mínimo. Uma família!

E é por isso, que esse Programa, além de transferir renda através do Bolsa Família, além de procurar aposentado no campo que nem sabe que tem direito a aposentadoria e dar o direito a ele, porque o direito é dele, esse Programa, o que ele quer é fazer com que o Brasil use toda a sua riqueza, use toda a sua riqueza, trazendo para a civilização, trazendo para a vida melhor, trazendo para ter refeição digna mais 16 milhões de brasileiros. Com isso, todos nós ganhamos, e ao invés do Estado ficar esperando de braços cruzados que o pobre ache uma porta de entrada e uma conversa com o Estado, nós é que vamos correr atrás do pobre para que ele tenha o seu direito reconhecido.

O Brasil mudou, e eu quero dizer para vocês: vai continuar mudando. Nós vamos continuar gerando muitos empregos, nós vamos continuar fazendo os programas que levaram este país a um nível de desenvolvimento que é um exemplo para o mundo. Nós vamos continuar, por exemplo, construindo o Minha Casa, Minha Vida. Na metade deste mês, nós vamos lançar o Minha Casa, Minha Vida 2, construindo mais dois milhões de moradias para a população brasileira.

E eu encerro dizendo a vocês: nós provamos que era possível construir plataformas no Brasil, nós provamos que é possível construir sondas no Brasil, nós provamos que é possível construir os equipamentos e os bens e prestar os serviços que a Petrobras precisa para explorar o pré-sal. Assim como nós provamos isso, nós provamos também que este país cresce, quando cresce a riqueza da sua população, quando ela tem trabalho, quando ela tem dignidade, tem autoestima e tem cabeça erguida para seguir em frente. Viva os trabalhadores da indústria naval!

Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em conjunto com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez

A declaração aconteceu no Salão Leste do Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 06 de junho de 2011

Eu queria cumprimentar o presidente Hugo Chávez, da Venezuela,
Queria cumprimentar, também, todos os integrantes da comitiva do senhor Presidente,
Cumprimentar os senhores ministros,
Os senhores embaixadores do Brasil na Venezuela e da Venezuela no Brasil,
Cumprimentar e saudar, aqui, os nossos representantes da imprensa: jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos.

Queria iniciar dizendo: muchas gracias, presidente Chávez, por aceitar meu convite para visitar o Brasil. Sua presença entre nós comprova a elevada estima e a parceria estratégica que liga o Brasil à Venezuela.

Nosso diálogo sobre os principais pontos da nossa agenda e todas as atividades e as cooperações que nós já realizamos juntos, elas mostram como é produtivo e como são amplos os nossos interesses comuns. E mostram, também, o tamanho do esforço que nós temos de fazer para explorá-los.

Os tempos que nós vivemos colocam para nós desafios fortes, desafios em todas as áreas: na área da economia, na área da política, na área da cooperação internacional, no desafio científico e tecnológico e, sobretudo, no plano social.

Nós queremos promover a melhoria das condições de vida nos nossos países. E eu tenho certeza de que a Venezuela, pela sua política interna, e o Brasil, por toda a política desenvolvida até aqui e, agora, pelo Brasil sem Miséria, vão ser capazes de evidenciar esse compromisso profundo com a questão social.

Nós sabemos que o nosso intercâmbio comercial, ele vem crescendo sistematicamente. Nós chegamos a US\$ 4,7 bilhões no ano passado. Já recuperamos todas as consequências da crise de 2008, que se abateu sobre o mundo.

Eu disse ao presidente Chávez da minha imensa satisfação pelo aumento das importações feitas pelo Brasil, de produtos provenientes da Venezuela, que alcançaram US\$ 830 milhões em 2010, um aumento de 43%. Nós temos certeza de que a relação comercial entre países é, necessariamente, uma relação em que ambos ganham.

Para seguir estimulando maior equilíbrio nas relações comerciais e bilaterais, vão ser fundamentais as negociações em curso entre os dois países para o fornecimento de diesel, coque, ureia e metanol venezuelanos ao mercado brasileiro.

A Venezuela e o Brasil, através da PDVSA e da Petrobras, têm tido uma série de acordos que visam, justamente, a aumentar a integração e a parceria entre essas empresas.

Além disso, a Venezuela quer fortalecer sua indústria e sua agricultura, quer fortalecer sua infraestrutura e agregar valor aos imensos recursos naturais de que dispõe.

O Brasil pode e deve contribuir para esse esforço. As empresas brasileiras continuarão empenhadas em garantir a continuidade dos projetos em execução, que incluem hidrelétricas, estradas, metrô, siderurgia, petroquímica, construção naval e indústria de processamento de alimentos. A dimensão e a abrangência desses investimentos demonstram a confiança do setor privado brasileiro na economia venezuelana.

Senhores jornalistas, senhoras jornalistas,

Senhores ministros, senhoras ministras,

Brasileiros e venezuelanos presentes a esta cerimônia,

Durante séculos o nosso olhar esteve voltado para centros distantes da nossa realidade. Nossos portos e nossas cidades litorâneas cresceram, enquanto o interior da América do Sul permaneceu adormecido. Nós sabemos das gigantescas riquezas naturais da Amazônia e de sua diversidade.

Conversei com o presidente Chávez: como continuar explorando as complementaridades entre a Venezuela e o Brasil? Queremos reproduzir as exitosas experiências de Boa Vista e Manaus, que já se beneficiam da extensão da rede de fibra ótica venezuelana, o que tem permitido acesso a conexões de alta velocidade em Roraima e no Amazonas.

Decidimos, por isso, realizar o segundo Seminário de Integração Amazônia-Orinoco, em Puerto Ordaz, com vistas à formulação de um plano de desenvolvimento integrado para articular as cadeias produtivas nesses setores: metal-mecânico, agroindustrial, produção de vidros e outros.

No setor de energia nós já temos uma linha de transmissão que sai da hidrelétrica de Guri e fornece 90% da eletricidade consumida em Roraima.

Nossa região fronteira deve e merece uma política e várias iniciativas de interconexão de nossos sistemas, sejam eles elétricos, de telecomunicação, enfim, rodoviários, e sejam também sistemas de integração de cadeias produtivas.

Abrimos agência da Caixa Econômica Federal e do Banco da Venezuela em Pacaraima e Santa Elena de Uairén, e vamos fortalecer todos os projetos de financiamento dessa fronteira.

Vimos com satisfação outra iniciativa muito importante, que é a existência de um projeto de parte a parte, da Venezuela e do Brasil, que visa a pensar o desenvolvimento dessas regiões, tanto da faixa petrolífera do Orinoco, quanto da área gasífera do estado de Sucre, bem como da nossa região ali de Roraima e, enfim, o norte da Amazônia.

Nossa integração sempre foi e irá além dos projetos de infraestrutura. Nós queremos realizar todo o potencial de integração, promovendo a cidadania, o bem-estar e a dignidade dos nossos povos.

Coloquei neste encontro de hoje, com o presidente Chávez, nosso governo à disposição para compartilhar nossas bem-sucedidas experiências em habitação, através do Programa Minha Casa, Minha Vida 1 e 2 e da inclusão bancária, e aumentar a troca de experiência entre os nossos governos nas áreas de proteção social, do trabalho, da saúde, dos direitos humanos, da educação, de políticas para as mulheres, e também na área agrícola, em que a similaridade entre biomas brasileiros e venezuelanos permite que nós possamos transferir tecnologia e experiências das nossas áreas de cerrado para as áreas venezuelanas de cerrado.

Meu querido presidente Chávez,

Nossos países estão ligados não só pela geografia e pela convivência harmoniosa e pacífica. Também nos une a determinação de fazer do espaço sul-americano uma zona de paz, de democracia, cooperação e crescimento econômico, com inclusão social e respeito aos direitos humanos.

É com grande expectativa que aguardamos a conclusão do processo de adesão da Venezuela ao Mercosul.

Vejo como muito promissora a coordenação entre a Venezuela e a Colômbia para equacionar temas de grande importância para a região. Ambos países merecem as nossas congratulações por compartilharem o exercício do mandato da Secretaria-Geral da Unasul e atuarem exitosamente no retorno do presidente Zelaya a Honduras.

Quero, ainda, cumprimentá-lo pela condução do processo que levará, em 5 de julho próximo, em Caracas, à consolidação da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos, a Celac. Esse novo fórum oferecerá um marco mais amplo para o funcionamento e a articulação dos vários mecanismos de integração. A realização desses objetivos é a essência do ideário latino-americano e caribenho.

A Venezuela pode estar certa de que o Brasil estará ao seu lado nessa luta, que é de todos nós, países latino-americanos, pela integração e a aproximação dos nossos países; [pela] criação, aqui nesta parte do mundo, de uma harmoniosa cooperação, de um mundo democrático, respeitador dos direitos humanos e, sobretudo, de um mundo que passa por grandes transformações, na medida em que seus povos passam a ter condições de repartir as riquezas produzidas nesta região.

Eu queria destacar que o Brasil e a Venezuela têm papel fundamental nessa caminhada de integração na nossa região. E dizer que acredito que houve um grande avanço, nessa década que passou, no sentido da criação de um ambiente de cooperação e harmonia.

É com esse espírito de otimismo e confiança quanto ao futuro da relação bilateral entre o Brasil e a Venezuela que nós conduzimos este encontro e conduziremos os próximos.

Queria agradecer ao presidente Chávez, a toda a sua equipe, e assegurar que nós olhamos com muita esperança o futuro da nossa região, tendo a certeza que contribuiremos para construir, de forma sólida, países desenvolvidos e países democráticos. É isso que é a nossa ambição. Creio que compartilho com o senhor, presidente Chávez.

Muito obrigado.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de criação da Comissão e do Comitê Nacional de Organização da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável

Na ocasião, a Presidenta Dilma assinou o decreto para instituir a comissão e o comitê, que inclui a criação da Assessoria Extraordinária para a Conferência

Palácio do Planalto, 07 de junho de 2011

Queria cumprimentar aqui os senhores e as senhoras embaixadores que estão acreditados junto ao meu governo e os representantes dos organismos internacionais,

Queria cumprimentar os ministros de Estado, e, ao cumprimentá-los, queria dizer para a ministra Izabella e o ministro Patriota que, de fato, eles têm muito trabalho pela frente.

Queria cumprimentar o nosso governador Sérgio Cabral,

O vice-governador Pezão,

O embaixador Sha Zukang, subsecretário-geral das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais,

Queria cumprimentar o senador Fernando Collor, que sob seu governo ocorreu a Rio-92,

Queria cumprimentar os senhores senadores, senhores deputados,

Queria cumprimentar também o vice-prefeito do Rio de Janeiro, o senhor Carlos Alberto Vieira Muniz,

E o secretário Carlos Minc, do Meio Ambiente do Rio de Janeiro,

Vou dirigir um cumprimento todo especial a três mulheres aqui presentes, e é importante que sejam três mulheres: a Raimunda Alves, representando as cooperativas de catadores; a Maria Tereza, representando o movimento ambientalista brasileiro; e a Daniela de Fiori, vice-presidente de sustentabilidade do Walmart e, espero, uma liderança feminina na área ambiental,

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas e os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Hoje nós estamos aqui para dar início formal – porque na prática esse início já começou e as iniciativas já ocorreram – à preparação da Rio+20. Vinte anos atrás – nós já ouvimos aqui várias vezes – o Brasil sediou a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento.

É importante que a gente faça uma pequena reflexão. Eu não vou repetir todas as considerações muito bem feitas pela ministra Izabella e pelo ministro Patriota, mas eu gostaria de enfatizar alguns pontos.

Sem sombra de dúvida, o mundo e o Brasil mudaram nesses últimos 20 anos, e o tema dessa Conferência, a Rio+20, tem hoje muito a ver com a nossa trajetória nesses 20 anos, sobretudo pelo fato de que o conceito de desenvolvimento sustentável que hoje todos nós concordamos é um desenvolvimento baseado no crescimento econômico, na inclusão social e em considerações muito fortes, não secundárias, não paralelas, mas que integram a questão do desenvolvimento econômico e social, que é o aspecto ambiental.

Todos nós sabemos que não existem soluções pré-fabricadas que a gente possa adotar para esse ou para aquele país. Cada país consegue um arranjo econômico, social e ambiental próprio. Eu acho que o Brasil, nesse processo, conseguiu um arranjo próprio. E eu acho que a Conferência Rio+20, ela representa um momento muito especial em que nós devemos refletir sobre esse arranjo próprio construído não só pelos diferentes governos, mas também por todas as esferas da nossa sociedade.

Entre os nossos êxitos, eu gostaria de destacar o fato de que nossa condição de potência produtora de alimentos, ela convive com a nossa condição de potência ambiental e com o fato de sermos uma das nações campeãs no uso de fontes renováveis de energia.

O Brasil, por isso, tem uma missão histórica, e tem uma missão histórica que é exercer, sistematicamente, a sustentabilidade. Nenhum governo, nenhum segmento da sociedade, nenhuma esfera de governo pode abrir mão da sustentabilidade, em benefício do povo brasileiro e em benefício de toda a Humanidade.

Nós somos um dos países com maior riqueza ambiental: possuímos a maior reserva de água doce do mundo, a maior reserva florestal, e concentramos em nosso território um patrimônio de biodiversidade.

Por isso que é muito significativo quando um país como o Brasil consegue combinar esse duplo aspecto de grande produtor de alimentos e grande defensor do meio ambiente. Como grande defensor do meio ambiente e como um país que busca, na energia renovável, um convívio com o crescimento econômico e com o respeito ambiental.

Eu considero que o fato de nós termos a maior reserva florestal e concentrarmos no nosso território um patrimônio de biodiversidade nos impõe responsabilidades. E nos impõe, além de responsabilidades, muita clareza e determinação quando se trata dos nossos compromissos, assumidos ao longo da nossa história. Não é fruto só de um governo, é fruto de todo um movimento que houve no Brasil nos últimos... eu diria assim, desde o século passado, desde o final do século retrasado, em que, progressivamente, fomos tomando consciência de quem éramos. E, ao tomar consciência de quem éramos, não só ao perceber que éramos um país miscigenado,

um país com uma diversidade étnica e cultural muito grande, essa riqueza cultural, ela tinha também uma expressão em uma riqueza ambiental e biodiversa.

Essa responsabilidade é uma responsabilidade histórica. A nação brasileira, de forma alguma, pode abrir mão da proteção das suas florestas, dos seus recursos naturais e também não pode abrir mão do desenvolvimento econômico e da inclusão da sua população nos frutos desse desenvolvimento.

É esse eixo que nos distingue e que mostra que nós temos uma estratégia nacional para o Brasil. Nós não estamos, na Rio+20, tratando de mais uma conferência. Nós estamos tratando de uma conferência que tem tudo a ver com o que nós somos e com o que nós queremos ser.

Eu quero dizer que, em várias áreas, nós avançamos muito. Eu estou particularmente feliz por ter lançado o Brasil sem Miséria, e queria lembrar que o Brasil sem Miséria integra esse compromisso de sustentabilidade ao se propor a superar a extrema pobreza, e também pelo fato de que este é um país que busca, também na inclusão social, garantir aspectos ambientais.

Eu queria aqui citar dois aspectos do Programa: um aspecto que é o Bolsa Verde, que assegura uma remuneração para aquelas populações que estão em áreas de preservação ambiental de áreas florestais, e às quais nós queremos assegurar uma renda para manter a floresta em pé. E queria também destacar a importância, na área urbana, do incentivo que o governo federal sempre procurou dar, do incentivo e do seu compromisso com as populações que até poucos anos atrás, antes do início deste projeto, no governo Lula, eram consideradas sem direito e sem voz. Eu estou me referindo aqui, Raimunda, aos catadores. Para nós, a inclusão social dos catadores é parte integrante do programa Brasil sem Miséria. E acredito, Raimunda, que seus pleitos são absolutamente corretos em relação ao manejo do lixo urbano deste país. Eu... Você me pediu para que eu falasse com o governador, eu vou falar com o governador. E você pode ter certeza de que, dentro do Brasil sem Miséria, uma das nossas questões fundamentais é perceber que a coleta do lixo, o tratamento do lixo e a formação de cooperativas de catadores são parte integrante de um processo de inclusão social, com dignidade, desse segmento.

Então, eu queria destacar que nós temos de fato, enquanto país e nação, um compromisso histórico, um compromisso histórico com a sustentabilidade. Compromisso histórico que significa, necessariamente, que essas questões estruturam e constituem o centro da nossa estratégia de desenvolvimento e de país. Nós iremos cumprir. Não negociaremos e não tergiversaremos com a questão do desmatamento. Nós iremos cumprir os compromissos que assumimos, e não permitiremos que haja uma volta atrás na roda da História.

Com isso, eu queria dizer que eu estou empenhada em garantir a maior representatividade, para essa reunião Rio+20, de todos os países do mundo; da representação dos chefes de Estado que têm, como eu, a responsabilidade de dirigir seus povos; das organizações que tratam dessas questões, tanto na esfera social, quanto na esfera ambiental; com a participação, também, de empresas que podem e devem estar comprometidas com o desenvolvimento sustentável.

O governo – o meu governo – fará todo o empenho para que a Rio+20 não seja só uma autoconsciência brasileira a respeito de uma trajetória e um compromisso com o seu povo e o mundo, mas também que seja justamente esse diálogo com o futuro, no sentido de que o mundo possa traçar um caminho em que os 7 bilhões de humanos que vivem neste planeta – os 190 milhões de brasileiros, 1 bilhão e poucos de chineses e indianos, os bilhões na Europa, na Ásia, na América Latina, na África e na América do Norte – que eles tenham um compromisso não só com a geração que nós compartilhamos, mas também com o futuro do povo e com o futuro da humanidade.

Eu considero que, ao propor que a questão social seja também um elemento essencial dessa Conferência, eu considero que o mundo também deu um grande passo, porque percebeu que não basta o crescimento econômico sem que os povos do mundo tenham os seus direitos e acesso às riquezas que eles mesmos produzem.

Agradeço a todos vocês e reitero o meu compromisso com a Rio+20.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse da ministra-chefe da Casa Civil da Presidência da República, Gleisi Hoffmann

A cerimônia ocorreu no Salão Oeste do Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 08 de junho de 2011

Boa tarde a todos.

Senhor vice-presidente da República, Michel Temer,

Senhor presidente do Senado, José Sarney,

Meu querido companheiro Antonio Palocci,

Minha cara ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, Senhoras e senhores ministros de Estado,

Senhor senador Romero Jucá, por intermédio de quem cumprimento todos os senadores aqui presentes,

Senhor deputado Cândido Vaccarezza, por intermédio de quem cumprimento os deputados federais que assistem a esta cerimônia,

Senhoras e senhores governadores,

Senhoras e senhores profissionais da imprensa,

Eu estaria mentindo se dissesse que não estou triste. Tenho muitos motivos para lamentar a saída do ministro Antonio Palocci – motivos de ordem política, pelo papel que, como todos vocês sabem, ele desempenhou na minha campanha; motivos de ordem administrativa, pelo papel que ele tinha e teria no meu governo; motivos de ordem pessoal, também, pela relação de amizade que construímos ao longo deste tempo em que trabalhamos juntos.

Antonio Palocci foi, juntamente com outros dois companheiros, um dos artífices da jornada vitoriosa que me elegeu Presidenta. Juntos enfrentamos os desafios da jornada eleitoral, da montagem da coligação que me elegeu e que sustenta o meu governo, e da própria formação do governo. Suas ideias, sua capacidade de articulação política e sua liderança ajudaram ao governo, ajudaram a mim.

Agradeço, do fundo do coração, ao meu amigo Antonio Palocci por tudo o que ele fez pelo governo, por mim, pelo Brasil.

E assim como eu estou triste com a saída de um parceiro de lutas, não posso deixar de afirmar que estou satisfeita com a solução que encontrei para assegurar imediata continuidade do trabalho do gabinete civil da Presidência da República.

Um amigo deixa o governo, e uma amiga assume o seu lugar. Seja bem-vinda, ministra-chefe do gabinete civil da Presidência da República, senadora e amiga, Gleisi Hoffmann.

Tenho certeza de que você, Gleisi, será bem-sucedida nessa importante função de governo. Sei disso porque a conheço bem e porque conheço muito bem as atribuições do cargo que você vai assumir.

A senadora Gleisi tem sólida formação técnica e é uma grande gestora pública, provou isso em todas as funções que exerceu. A agora ministra-chefe da Casa Civil se notabilizou pela competência como administradora e gestora, demonstrou sensibilidade e visão social, além de inegável capacidade de formulação política.

No Senado, recém-chegada, já havia conquistado a admiração dos aliados e o respeito dos adversários pelo destemor com que defende suas convicções, pela firmeza no apoio ao governo e, ao mesmo tempo, pela elegância com que enfrenta os mais difíceis embates políticos.

A ministra-chefe da Casa Civil, senadora Gleisi Hoffmann, é mais uma mulher no governo da primeira Presidenta na história do Brasil. É mais uma mulher competente, uma mulher firme e uma mulher capaz a fazer parte do nosso time.

Prepare-se, minha cara ministra Gleisi. Os nossos compromissos são ousados, como é o de manter a economia em crescimento, controlar a inflação, garantir a hígidez fiscal, criar mais e mais empregos, investir pesadamente em Educação, fortalecer a nossa classe média, distribuir renda e, sobretudo, assegurar que um país rico é um país sem miséria.

Neste início de governo, já lançamos programas fundamentais para o nosso Brasil e para os brasileiros. Cito os dois mais recentes: lançamos o plano Brasil sem Miséria, ousada iniciativa para erradicar a pobreza extrema, que há tantos séculos nos envergonha. Agradeço a participação do ministro Palocci nesse projeto. E, ainda hoje, lancei também o Plano Estratégico de Fronteiras, por meio de uma parceria inédita entre o Ministério da Defesa e o Ministério da Justiça, que combaterá com firmeza o contrabando de armas, a entrada de drogas no Brasil e, em pouco tempo, aumentará a segurança das populações das grandes cidades brasileiras.

É do jogo democrático que enfrentemos a oposição, ministra Gleisi, quase sempre ruidosa, nem sempre justa. A pressão e as críticas são da regra democrática, e não vão inibir a ação do meu governo. Jamais ficaremos paralisados diante de embates políticos. Sabemos travar o debate e, ao mesmo tempo, governar. Temos promessas a cumprir, e vamos cumpri-las; temos programas a executar, e vamos executá-los, com rigor e com dedicação.

O meu governo, o nosso governo, ministra Gleisi, tem metas, e vai alcançá-las, com o apoio de nossa base no Congresso. Eventualmente, também, com o apoio ou a

compreensão das oposições, desde que entendam que o interesse nacional deva se sobrepor à luta política conjuntural. E, principalmente, com o apoio do povo brasileiro. Foi com a força da nossa população que nos elegemos, e é com a força dela e que dela emana que governaremos.

Muito obrigada a todos os presentes, e parabéns à ministra Gleisi, e boa sorte ao meu amigo Palocci.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do Plano Estratégico de Fronteiras

Os objetivos centrais do Plano são a redução dos índices de criminalidade e o enfrentamento ao crime organizado por meio da atuação integrada das instituições dos ministérios da Justiça e da Defesa, além da cooperação com os países que fazem fronteira com o Brasil

Palácio do Planalto, 08 de junho de 2011

Eu queria iniciar cumprimentando todos vocês aqui presentes nesta cerimônia,

Dirigir um cumprimento especial ao meu vice-presidente, Michel Temer,

Ao senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

E queria cumprimentar dois ministros – em nome de quem eu vou cumprimentar todos os ministros presentes –, primeiro, pelo excelente trabalho realizado, pelo imenso esforço para que este Plano chegasse à luz. Cumprimento o ministro Nelson Jobim, da Defesa, e José Eduardo Cardozo, da Justiça,

Queria cumprimentar também, aqui presentes, os embaixadores: o embaixador José Alberto Gonzáles Samaniego, da Bolívia; a embaixadora Maria Elvira Pombo Holguín, da Colômbia; o embaixador Marlon Faisal Mohamed Hoesein, do Suriname; o embaixador Carlos Daniel Amorín Tenconi, do Uruguai; o embaixador Maximilien Sánchez Arvelaiz, da Venezuela,

Queria também cumprimentar o ministro Sérgio Pérez Gunella, Encarregado de Negócios da Argentina; e o ministro Didier Olmedo, Encarregado de Negócios do Paraguai,

Queria cumprimentar o almirante de esquadra Julio Soares, da Marinha,

O general de Exército Enzo Martins Peri, do Exército,

O tenente brigadeiro do ar Juniti Saito, comandante da Aeronáutica,

E o general de Exército José Carlos De Nardi, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas,

Dirijo um cumprimento especial aos senhores governadores: Silval Barbosa, do Mato Grosso; Omar Aziz, do Amazonas; Beto Richa, do Paraná; Confúcio Moura, de Rondônia; José de Anchieta Júnior, de Roraima, Cumprimento os senadores Fernando Collor, Angela Portela, Ivo Cassol, Vanessa Grazziotin,

Cumprimento as senhoras e os senhores deputados federais,

As senhoras e os senhores jornalistas,

Senhores fotógrafos,

Senhores cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

É muito importante que nós estejamos aqui hoje reunidos para que eu dê seguimento a um compromisso que eu assumi durante a minha campanha, de dar prioridade à questão da segurança pública.

Nada mais justo que, dentro da segurança pública, eu inicie essa prioridade, a realização de um plano de segurança pública pela questão das fronteiras, uma vez que essa questão é uma obrigação condicional da União.

Nós entendemos que em um país continental como o nosso é fundamental que o Ministério da Justiça – através da Polícia Rodoviária Federal, da Polícia Federal, da Força Nacional de Segurança Pública, e o Ministério da Defesa – através do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e da ação do Comando Conjunto das Forças Armadas, se unam.

Até agora, os dispositivos legais que permitiam essa coordenação e essa unidade de ação, eles não existiam. Eles começaram a ser formatados a partir de 2004 e foram concluídos em 2010. Assim sendo, o que permite hoje que nós tenhamos nessa solenidade a oportunidade de criar um comitê de ação conjunta é justamente a modificação desses dispositivos legais, que permitem agora que as Forças Armadas tenham uma ação muito mais efetiva na região de fronteira. Permitem também que elas possam ter ações, chamadas ações de polícia, que antes não estavam contempladas na nossa legislação.

Com isso nós vamos construir, em parceria – obviamente – com os estados e municípios fronteiriços, nós vamos construir uma capacidade de ação muito efetiva do governo brasileiro. E mais, eu acredito que o Brasil e todos os países fronteiriços, os dez países fronteiriços ao Brasil, que têm hoje relações extremamente fraternas e de cooperação, têm todas as condições para – através da ação diplomática e que o Itamaraty vai ensejar, e também através da própria ação do Ministério da Justiça, do ministro José Eduardo, e do ministro Jobim, da Defesa – permitir que nós estructuremos com os nossos países amigos uma ação coordenada, uma ação efetiva, uma ação firme que nos levará, de fato, a combater todas as formas de crime organizado, que escolhe as fronteiras como regiões mais frágeis e, portanto, mais próprias para sua atuação. O que nós queremos é fortalecer as nossas regiões de fronteira, torná-las locais que não deem guarida ao crime organizado.

Vocês viram que nós temos 16 mil quilômetros de fronteira. O que é interessante é que, desses, um pouco mais de 7.300 quilômetros são de fronteiras secas, mas mais de 9.500 são de fronteiras que abrangem rios, lagos e, portanto, não são fronteiras secas. Mas, de uma certa forma, constituem uma espécie de fronteira natural e de barreira natural.

Mas, como o ministro Jobim disse, são rios penetrantes, o que significa que eles conduzem, eles são caminhos que conduzem para dentro do Brasil e, portanto, eles criam também uma imensa necessidade de policiamento, de controle. Nós não podemos supor, ou ter a visão antiga de que nós faremos isso colocando, em fileira, homens para proteger 16 mil quilômetros de fronteira. Isso não é possível.

O que nós vamos fazer é utilizar a nossa capacidade de ação combinada com a inteligência, combinada com o conhecimento e com o uso da tecnologia, o que vai nos permitir uma ação que seja, de um lado, de permanência e, de outro lado, uma ação que tenha na sua característica de surpresa, de rapidez e de prontidão, uma forte presença nossa no combate ao crime organizado, às drogas, no combate ao tráfico de armas, o que vai permitir que tudo isso contribua bastante para a segurança pública em cada região do país e, especialmente, nos grandes centros urbanos.

Mas eu queria dizer aos senhores e às senhoras que o meu compromisso com este programa, ele é tão grande que eu escolhi meu vice-presidente para coordenar as ações dentro do governo, juntamente com a Casa Civil, o Ministério da Fazenda, o Ministério do Planejamento e o Ministério das Relações Exteriores, de forma que não haja por parte do governo nenhum processo de omissão para dar suporte a esta ação conjunta do Ministério da Defesa e do Ministério da Justiça. É a própria Presidência da República que assume um papel ativo no controle, na avaliação, no fornecimento de instrumentos para que este Plano seja, de fato, um plano vitorioso e vigoroso. Assim sendo, eu tenho certeza de que o sucesso, o nosso sucesso, nesta empreitada, ele vai aumentar a nossa soberania, vai ampliar a integração fraterna com os demais países e vai fortalecer o federalismo na medida em que se trata, também, de uma ação conjunta em que os estados terão voz e participação em todos os nossos comandos.

Eu agradeço a presença, aqui, dos representantes dos países amigos. E eu tenho certeza de que essa não é uma ação que visa a transferir o problema das nossas fronteiras para os países vizinhos. Pelo contrário, visa a construir junto com os países vizinhos uma proteção dessa área de fronteira onde coexistem de forma harmônica, sem guerra, sem conflitos, dez países da nossa América Latina.

Com isso, eu agradeço a todos vocês, e digo que esse meu compromisso com a segurança pública, ele é parte intrínseca do meu compromisso com o crescimento econômico do país, com o combate e o controle da inflação, com o país sem miséria, com o país que aposta na ciência e tecnologia, mas que tem na segurança pública um dos seus eixos fundamentais.

Querida agradecer a todos os presentes. Eu, na minha lista eu não falei, não mencionei o senador Cassol, agora eu estou mencionando o senador Cassol antes de me despedir. Mas eu queria cumprimentar cada um dos líderes brasileiros: senadores, governadores, deputados federais, que são de estados fronteiriços, e pedir a eles, também, a colaboração no sentido que possamos, de fato, construir um país mais seguro para a população brasileira.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante solenidade de entrega de unidades habitacionais do programa Minha Casa, Minha Vida

Na ocasião foram entregues 580 moradias do programa Minha Casa, Minha Vida em Blumenau (SC), que beneficiaram famílias com renda de 0 a 3 salários mínimos. O empreendimento - formado por quatro conjuntos residenciais - contou com investimentos da ordem de R\$ 27,7 milhões, sendo R\$ 26,1 milhões do Fundo de Arrendamento Residencial (FAR) do governo federal

Blumenau-SC, 09 de junho de 2011

Eu queria, primeiro, dar boa tarde a todas as mulheres de Blumenau. E queria também desejar um cumprimento muito fraterno a todos os nossos companheiros homens aqui presentes.

Um abraço para a imprensa, para os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Gostaria de começar cumprimentando o governador Colombo, de Santa Catarina,

Querida cumprimentar aqui os ministros de Estado presentes na cerimônia: a ministra Miriam Belchior, do Planejamento; o ministro Mário Negromonte, das Cidades; e uma catarinense, a ministra Ideli Salvatti, da Pesca.

Querida cumprimentar o prefeito João Paulo Kleinübing, prefeito de Blumenau, em nome de quem eu cumprimento todos os prefeitos aqui presentes.

Cumprimentar o senador Paulo Roberto Bauer, de Santa Catarina,

E os deputados federais Décio Lima e Luci Choinacki,

Os deputados e deputadas estaduais aqui presentes, ao cumprimentar a Ana Paula e mais dois deputados: Jean Kuhlmann e Ismael dos Santos,

Querida cumprimentar também todos os funcionários da Caixa, e quero fazer isso ao saudar o presidente da Caixa, Jorge Hereda,

Querida também cumprimentar o Cedenil, aqui, que foi um dos que falaram aqui hoje, presidente da Federação da Associação dos Moradores do Estado de Santa Catarina,

Quero também cumprimentar o Pedro Eccel, presidente da Associação dos Municípios do Meio [Médio] Vale do Itajaí, e queria... Paulo Eccel. Você vê que o pessoal às vezes erra. Peço desculpa ao Paulo, mas escreveram Pedro, viu? Pois é, houve uma pequena confusão.

E cumprimentar também os moradores, em especial a eles, os moradores do conjunto habitacional Mathias Bornhofen.

E queria também saudar aqui todos os moradores desta região de Santa Catarina, especialmente, aqui, o Vale do Itajaí, a querida Blumenau.

Esta é a primeira vez que eu venho a Santa Catarina depois de me eleger presidente da República. E venho aqui em Blumenau neste dia com imenso prazer de estar aqui. Primeiro, porque eu acho que o governador Colombo falou uma grande verdade ao dizer que aqui nós comemoramos também valores.

Eu estive aqui quando as intempéries, as chuvas, os deslizamentos, o aumento do nível dos rios causou tanto sofrimento, causou tanta perda para as famílias catarinenses. E eu vi aqui, naquele momento, eu vi aqui uma grande determinação, uma força imensa e uma energia de resistência. Mas uma energia muito forte, não era a passividade que a gente via, a gente via a determinação de reconstruir, de assumir, nas mãos de cada um, e voltar a construir uma situação ainda melhor para aqueles atingidos pelas enchentes e pelos deslizamentos.

Queria dizer que hoje, para mim, é um prazer estar aqui entregando essas 580 residências, esses 580 lares, sendo que, desses, 200 são para aquela população atingida. E, com isso, nós zeramos aquilo que, no programa Minha Casa, Minha Vida, era destinado para essa população que tinha sofrido as consequências desse grande desastre natural.

E eu venho aqui com muita alegria porque o programa Minha Casa, Minha Vida, que é de onde saíram essas 580 casas, é um programa que ele tem um sentido social e de valores. Social, porque, um país como o nosso, não pode ter uma parte da sua população – e uma parte muito significativa da sua população, milhões e milhões de pessoas – sem teto, sem um lar, sem uma casa própria.

Esse compromisso com a construção de uma casa própria, de um lar onde criar seus filhos é algo que transforma o Brasil, transforma em vários sentidos. No sentido econômico, sim, porque construir essas residências faz com que a nossa construção civil tenha o crescimento que teve, gerando empregos, produzindo, também, mais cimento, mais alumínio, mais equipamentos, para que o Brasil possa continuar crescendo, uma parte puxada pela construção civil.

Então, além disso, porque ter um teto é uma questão de segurança. Ter uma família e ter um local onde você possa desenvolver suas relações afetivas é o direito de todo ser humano, das mulheres, porque é lá que elas criam seus filhos, é lá que ela estabelece essa relação familiar que vai criar brasileirinhos e brasileirinhas para serem os futuros adultos.

A casa é, eu diria, um símbolo do cerne de uma nação. É lá que um país tem segurança também, porque essa primeira segurança de saber que seus filhos vão ter abrigo, essa questão da proteção, que é algo que a Humanidade busca desde que começou a se transformar e virar cada vez mais humana, nós precisamos de abrigo, porque o abrigo nos dá proteção.

Todos os brasileiros têm direito à proteção de um teto, de um lar onde criar seus filhos. Por isso eu tenho imenso orgulho desse programa, Minha Casa, Minha Vida. Orgulho não porque o Estado brasileiro parou de achar que todo mundo tinha de encontrar um jeito de ter casa, independente de quanto ganhava. E nós mudamos essa compreensão, porque a equação nunca fechava. Como que uma pessoa que ganha até três salários mínimos vai comprar um apartamento de R\$ 54 mil? Como? E aí que nós entramos, assegurando recursos para essa pessoa poder comprar a sua casa. Porque isso não é uma dádiva, isso é uma obrigação do Estado brasileiro, isso é uma obrigação do Estado brasileiro com a sua população mais pobre.

Por isso, eu fico muito feliz. Porque aqui nós estamos somando dois valores: o valor da solidariedade, o valor da capacidade de resistência do nosso povo, expresso aqui nessa população valorosa de Santa Catarina; e o outro valor, que é o valor de ter um lar para criar seus filhos e sua família. Esses dois valores se encontraram aqui, e eu tenho por isso muito prazer de ter vindo aqui hoje, porque eu acredito que esta é uma cerimônia simbólica. Simbólica da nossa capacidade de construir, da nossa capacidade de criar, e, sobretudo, por um outro motivo: aqui, em Santa Catarina, nós temos uma parceria com o governo estadual e com o governo municipal.

Essa parceria é uma parceria em que nós não perguntamos entre nós de que partido nós somos. Nós não somos do mesmo partido, mas nós temos obrigação com o povo de Santa Catarina e do Brasil, de trabalhar junto com o povo de Blumenau.

Existem várias possibilidades de eu ir inaugurar residências do Minha Casa, Minha Vida, em todo o Brasil. Mas eu escolhi vir aqui em Santa Catarina, porque é simbólico desta relação republicana que existe entre o governo federal, entre o governo do estado, através do governador Colombo, e o prefeito Kleinübing. Nós não somos do mesmo partido, mas o governo federal não olha, não olha nem governo, nem prefeitura por critério de partido, mas por critério da população que cada um do prefeito e do governador aqui eleitos representam. É o voto de vocês que nos levou - eu à Presidência, o outro companheiro a governador e o outro a prefeito. E é o voto de vocês que nós temos de respeitar, trabalhando para vocês.

Eu queria dizer que vocês podem ficar descansados: a questão da duplicação da BR-470 é uma questão de honra para mim. A BR-470 vai ser duplicada, eu asseguro a vocês. Nesta última semana, eu conversei com os diretores do Dnit e do Ministério dos Transportes, e asseguro para vocês que a BR-470 será duplicada e será duplicada o mais rápido possível. Eu, pessoalmente, cobrarei a construção desta duplicação do Ministério dos Transportes e do Dnit, e dos prazos que eles me deram. Vocês vão ter em mim uma pessoa que vai ficar ali, em cima, amolando eles.

Quanto à federalização da Furb... calma, calma... Eu não prometo coisa que eu não faço. Eu vou olhar com todo o cuidado a questão da federalização da Furb e eu externarei o meu compromisso a partir dessa avaliação séria. Com isso, eu quero dizer para vocês o seguinte: a BR-470 eu estou dizendo que será feita, a Furb, eu não posso assumir esse compromisso porque eu não tenho ideia de toda a repercussão.

Mas, eu quero dizer para vocês que aqui, na cidade [estado] de Santa Catarina, um instituto federal tecnológico está sendo implantado. Aqui... desculpa... Santa

Catarina não é cidade, é estado, gente. Aqui, em Blumenau, nesta cidade de Santa Catarina, nós iremos implantar um instituto federal tecnológico de educação e isso é muito importante porque um dos maiores desafios que nós vamos ter nos próximos anos é a questão da formação tecnológica, é a questão da formação profissional.

Este país tem de combater a miséria, mas ele tem de fazer, simultaneamente, várias coisas: combater a miséria e tirar da miséria 16 milhões de brasileiros e brasileiras, e nós vamos fazer isso. E, ao mesmo tempo, nós temos de cuidar porque nós, o nosso futuro, é apostar no caminho da Educação e, para apostar no caminho da Educação, nós temos de apostar em cada vez mais ampliar as oportunidades de Educação, por isso é que eu vou olhar a Furb com todo o cuidado.

Mas eu quero dizer sobre o instituto federal de educação tecnológica como sendo uma das questões centrais do governo. E, junto com isso tudo, eu queria dizer: sim, nós vamos lançar o programa Minha Casa, Minha Vida 2 agora na metade do mês de julho.

Nós começamos... Eu vou contar uma pequena história para vocês: quando nós começamos a fazer o Minha Casa, Minha Vida, o pessoal dizia – o pessoal das empresas que nós chamamos – dizia que só dava conta de fazer 200 mil. Aí, a coisa foi indo e, hoje, eles estão fazendo 1 milhão. Quando aprenderam a fazer 1 milhão, nós resolvemos mudar a meta, porque meta que se alcança, ela tem de ser mudada. Então, nós vamos fazer, com o Minha Casa, Minha Vida 2, 2 milhões de moradias. Por isso aqui, em Blumenau, nesta cidade do estado de Santa Catarina, eu quero dizer para vocês: quem ainda não teve acesso à sua casa própria terá uma oportunidade, agora, de ter acesso à sua casa própria.

E, finalizando, eu pretendo voltar aqui várias vezes, nesta terra... Não é só em Blumenau, gente, eu tenho de voltar em outras cidades de Santa Catarina. Mas, eu pretendo voltar aqui, porque este é um dos estados que mais cresce, no Brasil. E nós, no Brasil, temos de olhar, com um olhar especial, para cada estado e saber que é do crescimento de cada um, resolvendo os problemas de cada um, que nós conseguiremos fazer com que este país continue crescendo e se transforme numa das maiores economias do mundo. Hoje, nós somos o 7º, mas nós não vamos ficar por aí, nós vamos querer sempre mais, este país vai crescer sempre mais, vai gerar empregos, mas vai também querer que os nossos valores sejam valores fortes, republicanos, democráticos, que proteja as mulheres, as crianças, a família, e que incentive também a participação dos nossos jovens e dos nossos trabalhadores e empresários a cada vez produzir mais.

Um abraço, assim, do fundo do coração, para cada mulher e para cada homem aqui, de Blumenau; para cada mulher e para cada homem de Santa Catarina. Um beijo.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na posse da ministra-chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República, Ideli Salvatti, e do ministro da Pesca e Aquicultura, Luiz Sérgio Oliveira

A cerimônia aconteceu no Salão Oeste do Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 13 de junho de 2011

Boa tarde a todos.

Queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer,

O senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

O deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados,

Queria cumprimentar a Gleisi Hoffmann, ex-senadora Gleisi Hoffmann, ministra-chefe da Casa Civil, em nome de quem cumprimento todos os ministros aqui presentes.

Meu caro Luiz Sérgio, ministro da Pesca e Aquicultura,

Minha cara Ideli Salvatti, ministra-chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Senador Romero Jucá, líder do governo no Senado, por intermédio de quem cumprimento os demais senadores e senadoras presentes,

Deputado Cândido Vaccarezza, líder do governo na Câmara dos Deputados, por intermédio de quem saúdo as deputadas e os deputados que assistem a esta cerimônia.

Senhoras e senhores governadores, Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte; Raimundo Colombo, de Santa Catarina.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Este evento é uma cerimônia de transmissão de cargo e, também, um agradecimento aos ministros Ideli Salvatti e Luiz Sérgio Oliveira pelo trabalho realizado. Homenageio neles os valores que considero fundamentais na atividade política: capacidade de diálogo, senso de justiça e ética, correção, eficiência e lealdade. São qualidades indispensáveis para o êxito de um governo. São qualidades que identifico nos meus ministros e meus amigos Luiz Sérgio e Ideli Salvatti.

A partir de agora terei a ministra Idelli ainda mais perto, e não abrirei mão da colaboração do ministro Luiz Sérgio. Estarão ambos no governo, atuando em defesa do desenvolvimento econômico e da inclusão social, dando o melhor de suas capacidades pelo bem do Brasil.

Minha cara Ideli, meu prezado Luiz Sérgio, ministros e colaboradores do meu governo,

Temos muito trabalho a fazer. Desde o início do ano, o governo atuou de forma determinada para manter a estabilidade econômica, controlar a inflação e garantir contas fiscais e superávit primário. Ao mesmo tempo, essa política monetária e fiscal foi e é compatível com a garantia do crescimento e da geração de empregos. O nosso objetivo é e será fazer nosso país crescer muito, e crescer de maneira sustentável. O nosso objetivo é melhorar, cada vez mais, as condições de vida da classe média. E o nosso compromisso é também com a erradicação da miséria. E é um compromisso inadiável, e será realizado por meio do programa Brasil sem Miséria. Para essa missão, eu conto com todos os meus ministros, sem exceções, sem diferenças, sem distinção de qualquer espécie.

Do meu ponto de vista, não existe dicotomia entre um governo técnico e um governo político. Valorizo muito a capacidade técnica e a gestão eficiente, até porque nenhum país do mundo conseguiu um elevado padrão de desenvolvimento sem eficiência nas suas atividades governamentais e absorção das técnicas mais avançadas disponíveis. Mas, simultaneamente, tenho a convicção de que as decisões políticas constituem a base das opções governamentais.

A política qualificada e ancorada nos interesses do país e do nosso povo se traduz no respeito à nossa soberania, à democracia que construímos superando o arbítrio, à Federação, aos movimentos sociais e à melhoria de vida da nossa população.

Sem dúvida, a afinidade do meu governo com a política se manifesta no imenso respeito pelo Congresso Nacional e pelo Poder Judiciário, base dos poderes constituídos junto com o Executivo.

A importância que meu governo atribui à atividade política se reflete na compreensão de que a continuidade das grandes transformações necessárias ao desenvolvimento econômico e social do Brasil só podem nascer da negociação, da articulação de interesses e da nossa capacidade de identificar afinidades e convergências onde, à primeira vista, só parece existir conflito e diferença.

Somos um país de grandes diversidades, de expressiva complexidade social e econômica e que atingiu uma fase da sua história na qual democracia é essencial para a construção de consensos estratégicos sobre os nossos caminhos. Para trilhar esses caminhos e fazer o que o país espera de nós, precisamos trabalhar todos juntos.

O governo não é só o Poder Executivo, mas a ampla coalizão que soubemos pactuar e que representa, antes de mais nada, o povo que nos elegeu.

Encerro esta posse dos meus ministros e amigos, Ideli Salvatti e Luiz Sérgio, aos quais desejo muita sorte e sabedoria nas funções que passam a exercer, com um convite a todos, aos meus colaboradores, ao meu partido, aos partidos aliados, a todos os políticos e à sociedade brasileira: vamos arregaçar as mangas e trabalhar pela ações que o Brasil demanda.

Temos muito o que fazer, e, com a força das maiorias e o respeito às minorias, tenho certeza de que este país vai continuar avançando muito nos próximos anos.

Conto com todos vocês. Muito obrigada!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do programa Minha Casa, Minha Vida 2

A segunda fase do programa Minha Casa Minha Vida vai contratar 2 milhões de unidades habitacionais e investir R\$ 125,7 bilhões de 2011 a 2014, sendo R\$ 72,6 bilhões para subsídio e R\$ 53,1 bilhões para financiamento

Palácio do Planalto, 16 de junho de 2011

Boa tarde a todos vocês.

Queria cumprimentar o nosso presidente do Senado Federal, senador José Sarney,

O deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados,

Queria cumprimentar os ministros aqui presentes e, ao cumprimentá-los, saúdo a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; a ministra Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; e em nome de todos os ministros saúdo o ministro Mário Negromonte, das Cidades,

Queria cumprimentar os governadores aqui presentes, que nos honram com a sua presença: o governador da Bahia, Jaques Wagner; o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz; o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral; o querido governador Marcelo Déda, de Sergipe. O “querido” é porque senão ele vai falar que eu não o saudei com carinho.

Queria cumprimentar o senador Romero Jucá, o meu líder no Senado, por intermédio de quem cumprimento as senadoras e os senadores presentes,

O deputado Cândido Vaccarezza, líder do governo na Câmara, por meio de quem saúdo as deputadas e os deputados que assistem a cerimônia,

Queria cumprimentar o prefeito Eduardo Paes, aqui representando todos os prefeitos e, sobretudo, os prefeitos que tiveram... os prefeitos das capitais, que tiveram um grande desempenho na contratação do Minha Casa, Minha Vida. Queria cumprimentar também o Paulo Siqueira Garcia, de Goiânia; o Luciano Agra, de João Pessoa; Edvaldo Nogueira, de Aracaju; Raul Filho, de Palmas; Roberto Sobrinho, de Porto Velho,

Queria cumprimentar o presidente da Caixa, Jorge Hereda,

E um cumprimento todo especial ao presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil, Paulo Safadi, que foi responsável também não só pelo sucesso deste Programa, mas pela elaboração também. Saúdo essa parceria feita entre governo e empresários.

Queria cumprimentar o companheiro Donizete de Oliveira, da União Nacional por Moradia Popular, outro, também, artífice do programa.

E a Elisângela dos Santos, da Federação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura Familiar, por intermédio de quem eu cumprimento todos os integrantes dos movimentos sociais presentes. E, sem sombra de dúvida, Elisângela, foi uma grande contribuição dada pelos movimentos rurais, no sentido de adaptar o programa Minha Casa, Minha Vida às características muito especiais da região rural do Brasil.

Queria cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores cinegrafistas, os senhores fotógrafos.

Dirigir um cumprimento especial a todos os presentes.

Este Programa mostra que o nosso país avançou, e avançou de forma muito rápida nos últimos tempos. Este dia de hoje, ele marca um momento especial, que é o lançamento da segunda etapa de um Programa que tem um aspecto social, cidadão, que eu acredito que é profundo porque trata-se de construir as condições para que as pessoas cheguem ao chamado sonho da casa própria, que é muito mais que um sonho porque trata-se do espaço onde se constroem as relações afetivas, porque é ali que se criam os filhos, se estabelecem as ligações familiares. É ali que as pessoas conseguem atingir aquele sonho que acompanha a Humanidade desde o início da sua transformação, que é o sonho do abrigo, da proteção e da segurança. Então, esse espaço é o espaço que nós chamamos de “lar”, um espaço onde se organizam, onde vivem e onde sobrevivem e lutam as famílias deste país. Por isso, hoje é um momento muito especial.

Nós estamos falando, na verdade, do próprio cerne da nossa nacionalidade, que é composto por pessoas que sonham, que lutam por uma vida melhor. Nada dá mais segurança, nada dá mais abrigo, nada dá mais apoio do que a casa própria, para todos os integrantes da família.

É óbvio que esse Programa, ele faz parte de um processo que nós, neste ano, estamos ampliando, desenvolvendo e levando à frente, quando começamos lançando aqui... eu vou citar o Brasil sem Miséria.

De uma certa forma, ele faz parte do mesmo movimento do Brasil sem Miséria. Ele diz respeito a um processo de priorizar aqueles mais pobres, a nova classe média e os próprios setores médios tradicionais. Ele visa a assegurar que haja, no Brasil, não só a roda do crescimento econômico e da distribuição de renda, mas também da melhoria das condições de vida, e aí a casa é um elemento fundamental.

Nós tivemos nesse processo esse duplo aspecto, porque ele foi feito em um momento em que o mundo atravessava uma das maiores crises econômicas, e isso significava também uma característica muito importante da construção civil e da produção de habitações e moradias – casas e apartamentos –, que é a geração de empregos.

Ele faz parte, portanto, desse compromisso do governo de, ao mesmo tempo em que controla a inflação, que garante que haja uma política fiscal extremamente

robusta – e, portanto, nós temos e mantemos nosso compromisso com a estabilidade –, ele faz parte também do processo de garantir e assegurar que nós não vamos parar, que o momento é... e que o nosso grande desafio é a forma pela qual nós queremos conduzir o país é também gerar e garantir, cada vez mais, melhores condições de vida, oportunidades e empregos para todos.

A política do Minha Casa, Minha Vida, ela é uma política parceira de vários programas. É parceira do PAC, no aspecto de que o governo federal unificou os programas de habitação. Hoje nós temos e podemos fazer esse tamanho de subsídios e financiamentos porque a nossa política unificou todos os programas sociais de habitação que existiam na esfera do governo federal e os ampliou, na certeza de que era obrigação, e é obrigação do governo federal assegurar, quando ainda há uma grande desigualdade em nosso país, que as camadas da população com mais baixa renda possam ter acesso à sua moradia. Porque a equação não fechava: uma moradia que custava um pouco mais de R\$ 50 mil, como poderia ser comprada por uma pessoa que ganhasse até R\$ 1,6 mil, sem a participação efetiva dos recursos públicos federais? Era, praticamente, impossível! E o que nós vimos foi justamente isso que o Donizete falou: um crescimento do déficit habitacional do país. Não é um crescimento das expectativas de ter a casa própria nas camadas de renda melhor, que são justas e que têm que ser atendidas, e que podem ser atendidas rigorosamente por um processo de mercado; mas era a necessidade fundamental das pessoas que moravam em situação precária, de ter o seu lar.

No Brasil era crime dar subsídios. Nós achamos que subsídios dados corretamente não só apenas são efetivos, como não criam bolhas, não criam ilusões e, ao mesmo tempo, fazem mexer a roda social do país, assegurando que haja mobilidade, que as pessoas possam subir na vida, o que é um anseio justo e que deve ser respeitado em cada um dos brasileiros e das brasileiras.

Ter casa própria é um elemento fundamental do processo de mobilidade social, de melhorar de vida, aquilo que todas as pessoas sonham desde que começam a se entender por gente. Ao mesmo tempo, é também a convicção de que nossa visão da relação do social com o econômico é uma visão acertada. Nós reconhecemos que a nossa maior riqueza são os 190 milhões de brasileiros e brasileiras. Sabemos que é isso que distingue este país e o faz um país grande, um país que se tornou nos últimos tempos, sem sombra de dúvida, uma das grandes novidades no cenário das nações. E nós somos isso porque somos um país continental. Também porque somos um país rico, com uma agricultura forte, com uma indústria forte. Mas somos, sobretudo, um dos países importantes do cenário internacional porque temos 190 milhões de brasileiros e brasileiras.

Melhorar a vida de cada um deles não é só uma exigência ética. É uma exigência ética, mas não é só. Melhorar a vida de cada um dos brasileiros e das brasileiras não é só um compromisso moral profundo. Mas melhorar a vida de cada um deles é assegurar que este país explore todo o seu potencial, que é ter cidadãos e cidadãs brasileiras capazes de trabalhar, consumir, e sobretudo inovar, se educar. E nós, aí, sim, podemos dizer que somos um país desenvolvido, rico e, portanto, um país sem miséria.

Daí porque o Minha Casa, Minha Vida faz parte de um programa que tem um lado muito forte, que complementa o Brasil sem Miséria. E também faz parte de uma outra corrente que trata de dar qualidade à vida dos setores médios novos e dos setores médios tradicionais, junto com o ProUni, junto com o programa de financiamento da educação, junto com o programa de reforço do ensino técnico no Brasil. Faz parte também da nossa visão que o déficit está concentrado nas camadas mais pobres e, portanto, 60% do Programa é um salto – era 40[%], passou a 60[%].

E eu tenho certeza de que nós vamos prosseguir nessa rota. Portanto, 60% do Programa vai até R\$ 1.600 de renda. Mas vamos ver que 90% do Programa vai até [R\$] 3.100. Portanto, tem 30% para as novas classes médias. E o que nós pretendemos é que cada vez mais as camadas da população passem para essa faixa de renda.

Eu queria destacar que nós olhamos também a qualidade das casas e ela foi modificada, e dos apartamentos. Serão apartamentos entregues com piso de cerâmica e com azulejo cobrindo as paredes das cozinhas e dos banheiros.

Ao mesmo tempo, nós temos compromisso também com a questão da acessibilidade: serão portas e janelas mais amplas, casas mais iluminadas. E o nosso compromisso também com a questão ambiental, porque nós vamos colocar aquecimento solar térmico. O aquecimento solar térmico vai contribuir também para reduzir a conta de luz dessas famílias, porque 30% da conta de luz em uma família de baixa renda é chuveiro. Isso é minha memória, ainda de quando eu era ministra de Minas e Energia.

Ao mesmo tempo eu queria aqui lembrar que, de fato, o primeiro projeto de iniciativa popular apresentado no início dos anos 90 à Câmara dos Deputados, teve a assinatura de mais de 1 milhão de brasileiros e foi produto dos movimentos sociais organizados, que se mobilizaram para criar o Fundo Nacional de Moradia Popular e o Conselho Nacional de Moradia Popular.

Mais de uma década depois da tramitação desse projeto, o presidente Lula, em 2009, lançou o Minha Casa, Minha Vida. Mas, sem sombra de dúvida, os movimentos sociais que se espalharam pelo Brasil, no que se refere à reivindicação de um teto, um lar e uma moradia, têm grande responsabilidade neste momento em que nós estamos. Portanto, eu agradeço imensamente a eles.

Nós todos aqui fomos bem-sucedidos porque fizemos uma parceria. De fato, quando nós iniciamos o projeto, nós chamamos os empresários da construção civil, os pequenos, os médios, os grandes, e inicialmente nós fizemos uma avaliação de quantas moradias era possível serem feitas. O Brasil tinha parado, durante muitos anos, de construir em grande escala moradias populares. E aí a resposta foi 200 mil. Mas era um começo, e aí nós lutamos por um milhão. Foi uma decisão do governo ousar e fazer um milhão.

Agora que nós conseguimos, apesar de muita gente dizer que seria impossível... E só conseguimos porque estiveram envolvidos os governadores, os prefeitos, estiveram envolvidos os movimentos populares, esteve envolvida a Caixa, como um

dos bancos públicos deste país que se comprometeu com a questão da habitação popular – sem a Caixa nós não teríamos chegado até aqui –, o Ministério das Cidades. Então, nós ousamos.

É fundamental ser capaz de ousar, porque quando você ousa – e é o que a Caixa e todos os presentes aqui fizeram –, quando nós todos ousamos juntos, nós conseguimos realizar nossa meta, que era contratar um milhão de casas e apartamentos. Hoje nós todos sabemos disso. Nós, de fato, conquistamos essa meta. E uma meta que você conquista, ela deixa de ter validade, porque você provou que conseguiu a meta. Agora você tem de buscar uma meta ainda maior. E eu quero, aqui, lançar um desafio. É fato que nós vamos fazer – eu tenho certeza, porque conseguimos fazer um milhão – vamos fazer dois milhões. Mas é fato também que nós... e aí é que vem o desafio. Se daqui a um ano estivermos num ritmo adequado, mostrando nossa capacidade de fazer mais, vamos ampliar os recursos e nós vamos fazer mais 600 mil.

Meta é assim: a gente vai ver... daqui a um ano... nós temos agora um grande impulso para tentar cumprir direitinho a nossa meta de dois milhões que é, daqui a um ano, ampliar para mais 600 mil, com o mesmo foco, também nas classes mais pobres do país e nas novas camadas médias.

Queria dizer a vocês que isso é possível, também, do ponto de vista de uma análise mais racional, para além da motivação, que é o fato de que nós vamos ter agora – em vez de um – dois grandes bancos fazendo o Programa. A Caixa vai continuar com a sua garra, com a sua competência, com a sua capacidade. E agora, nós temos também o Banco do Brasil atuando na camada de renda da chamada faixa 1, que é de até R\$ 1,600. Isso vai potencializar o nosso Programa.

Ao mesmo tempo, eu queria destacar que tem uma... Nós agora também temos várias modificações. Uma delas eu queria destacar, que é a questão da habitação rural. A questão da habitação rural foi uma reivindicação dos movimentos sociais que atuam na área rural. E, aqui, eu queria cumprimentar a Contag, queria cumprimentar a Fetraf, queria cumprimentar todos os movimentos da área rural, e dizer o seguinte: nós vamos fazer moradias novas, mas vamos também reconhecer a realidade e fazer reformas. A Caixa Econômica se qualificou para isso ao criar uma Superintendência da Habitação Rural. Eu tenho certeza de que também o governo, e todos os nossos parceiros se mostraram sensíveis às qualidades especiais da habitação rural e da realidade rural, que é o fato de que muitas vezes o processo de documentação é diferenciado em relação ao mundo urbano e, por isso, modificamos as formas pelas quais a declaração de propriedade da terra será reconhecida. E mais, tem uma modificação que eu considero muito importante.

Antes de eu saudar os nossos parceiros no Congresso que nos ajudaram a fazer essas modificações... deputado André Vargas, senador Moka, são os dois parlamentares que nos ajudaram, como relatores, a modificar a legislação, e eu quero fazer um agradecimento muito especial a eles pelo compromisso que tiveram com o Programa, pela forma como participaram e pela ação que tiveram.

E aí eu vou dizer que esse Programa também tem um compromisso com as mulheres, porque as mulheres, delas era exigida – para ter a propriedade – a

assinatura do marido. Pois é, agora não é mais! E tem um grande diálogo com o Bolsa Família. Quem recebe Bolsa Família são as mulheres. O lar... é essencial, no lar, filhos – nós estamos falando de um lar tradicional, não é? – a mulher e os filhos, ou a mulher e o marido. Portanto, de qualquer jeito que a gente olhe, a mulher está sempre encaixada no lar, sempre encaixada. Do jeito que a gente olha, no Brasil, tem sempre uma mulher ali, nessa questão da família: ou é a mãe, ou é a esposa, ou é a irmã, ou é uma tia, uma avó. Enfim, é fundamental que nós tenhamos essa consideração específica. Por isso agradeço aos senhores parlamentares pela sensibilidade.

Além disso, eu quero dizer que nós vamos ter um momento muito especial que é... Esse programa, ele, de fato, enseja uma demanda sobre a linha branca. É verdade, ele enseja, porque as pessoas, quando mudam para uma casa nova, elas querem, muitas vezes, melhorar o fogão, a geladeira, o seu móvel, a sua cama, enfim... na pesquisa que a gente fazia, no caso do Luz para Todos, a gente via que geralmente queria, primeiro, a geladeira e, depois, uma televisão, até para se informar e se divertir.

Eu acredito que é muito importante que nós tenhamos, também, uma linha de financiamento especial para que se possa ter acesso a esses bens. Nós vamos estudar, e eu queria responder ao Donizete dizendo que essa, de fato, é uma preocupação. Vamos ver primeiro, vamos primeiro fazer o nosso desafio das 600 mil, de mais 600 mil, vamos cumpri-lo, não é? E depois, em um segundo momento, vamos olhar se podemos também já agregar uma linha de financiamento para a linha branca.

Finalmente, eu queria dizer uma coisa: o programa Minha Casa Minha Vida, ele mostra a importância de a gente estar aberto ao diálogo. Foi com diálogo que ele foi construído. E, também, está aberto para parcerias, que juntou todas as características da sociedade brasileira, além do governo. E, também, a gente percebe que há milhões de brasileiros querendo construir um Brasil melhor para os brasileiros. Eu sei que essas pessoas de boa vontade que construíram conosco o Programa, as pessoas que nós ajudaram a executá-lo, as pessoas que torceram por ele, e as pessoas que indiretamente dele se beneficiaram porque a economia brasileira teve um salto de emprego, renda, demanda, consumo, produção, e criando um círculo virtuoso, sei que nós não somos poucos, e sei também que nós somos a maioria desse país. Eu tenho certeza de que com dedicação, com solidariedade, buscando a cidadania, buscando realizar o sonho de milhões de brasileiros, buscando facilitar, e permitir que no governo e na relação com os empresários as coisas ocorram com eficiência, nós conseguimos realizar não só o Minha Casa, Minha Vida para brasileiros individuais, mas considerando também a característica de que uma nação é uma variante de um lar, acho que o Brasil virou cada vez mais a nossa casa e a nossa vida.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2011-2012

Entre as medidas do Plano, que vai destinar R\$ 107,2 bilhões para a agricultura empresarial, estão linhas de financiamento específicas para pecuária, que permitirão a compra de matrizes e reprodutores e recursos para renovação e expansão de canaviais, além da agricultura sustentável, que tornou-se um dos seus principais eixos

Ribeirão Preto-SP, 17 de junho de 2011

Muito obrigada, muito obrigada.

Queria cumprimentar aqui meu vice-presidente da República, Michel Temer,

Queria cumprimentar também o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,

Cumprimentar meu ministro da Agricultura. Primeiro, agradecer ao ministro Wagner Rossi pelo trabalho que ele realizou para este Plano Safra [Plano Agrícola e Pecuário] 2011-2012. De fato, o nosso Ministro foi um gigante ao introduzir não só um valor muito expressivo, mas também ao refazer certas diretrizes e dar as ênfases que ele deu,

Queria também cumprimentar o ministro Afonso Florence, do Desenvolvimento Agrário, e a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social,

Queria cumprimentar também a senadora Kátia Abreu, presidente da Confederação Nacional da Agricultura; o senador Sérgio Souza; e os deputados federais Arnaldo Jardim, Dr. Ubiali, Duarte Nogueira, Gabriel Chalita, meu querido companheiro, Irajá Abreu, José Mentor e Newton Lima,

Queria cumprimentar a senhora Dárcy Vera, prefeita de Ribeirão Preto, por intermédio de quem cumprimento os demais prefeitos aqui presentes,

O senhor Cesário Ramalho da Silva, presidente da Sociedade Rural Brasileira,

O presidente do Banco do Brasil, Aldemir Bendine,

O presidente da Conab, Evangevaldo Moreira dos Santos,

Queria dirigir um cumprimento a todos os senhores e as senhoras empresários, pecuaristas e agricultores,

Queria dirigir também um cumprimento especial aos representantes dos trabalhadores aqui presentes,

Dirigir também um cumprimento aos senhores da imprensa, fotógrafos e cinegrafistas e aos nossos jornalistas.

Olha, sim, eu queria dizer para vocês uma coisa: é uma honra estar aqui hoje lançando este programa e estar visitando, como me disse a Prefeita, a capital brasileira do agronegócio. De fato, quem vende em uma feira, em cinco dias, 1,755 bilhão é a capital do agronegócio e tem um padrão não nacional, mas internacional.

Eu venho aqui nesta cerimônia em um momento especial para o mundo em que vivemos. Nós estamos em um momento em que o Brasil e os países emergentes atravessaram aquela crise da qual nós não somos responsáveis e emergimos. Com alguns problemas, mas emergimos mais pujantes, com maior crescimento e com a responsabilidade de quem não cometeu as flexibilidades danosas na área econômica e nem na área financeira e que sofre pressões decorrentes da sobra de dinheiro no mundo. Ao mesmo tempo, nós temos os países desenvolvidos atravessando sérias dificuldades. A China, a Rússia, a Índia, todos neste momento estão em uma situação de crescimento mais pujante do que a dos países desenvolvidos – Europa e Estados Unidos. Nós sabemos também que, como as crises vêm, elas passam.

Então, nós temos de olhar o futuro com olhos que têm um sentido: qual é o tamanho do Brasil que queremos? Este Brasil que tem uma característica muito especial, e é dela que nós estamos tratando aqui. É uma potência agropecuária, é uma potência produtora de alimentos. E como vários antes de mim enfatizaram, nós somos, de fato, um país que tem terra, insolação, água potável em quantidade suficiente. Mas não chegamos aqui só por isso. Chegamos aqui porque fomos capazes de adicionar a isso a eficiência do trabalho humano, da ciência e da tecnologia. A nossa agricultura, a nossa pecuária, o nosso setor de energia renovável é fruto de uma aplicação, de uma dedicação e de um empenho deste país de gerar conhecimento e de aplicá-lo à atividade produtiva. Por isso, esta nossa característica de potência na área de produção de alimentos é algo que tem um valor imenso para o Brasil. Além disso, ela é estável. Ela é estável, primeiro, porque a agricultura, ela tem uma relação extremamente amigável com a indústria no Brasil. Tanto porque foram excedentes produzidos na cafeicultura brasileira que geraram os recursos para financiar a nossa industrialização – e ela se deu neste estado – e isso foi muito importante porque nós somos um país em que não houve essa contradição agricultura/indústria, que ocorreu em outros países da América Latina e que até hoje contribui para a sua instabilidade. Isso significa que nós temos, portanto,... além de sermos uma potência produtora de alimentos, por tudo o que eu disse, somos também um país que soube tecer essa articulação agricultura/indústria, e hoje ela, de uma certa forma, volta quando a gente vê um setor, também, produtor de energia utilizando a agricultura e a indústria, simultaneamente.

Mas eu queria dizer a terceira característica que torna a nossa agricultura especial, porque nela convivem o pequeno, o médio e o grande produtor. E nela convivem de forma harmônica, não convivem de forma a criar sistemáticos conflitos. E aqueles que criam conflitos, aqueles que não respeitam a legalidade e aqueles que tentam instituir situações que nós repelimos, que não sejam legais, que não sejam dentro da lei e das normas do país, eles são uma minoria.

Por isso, quando eu venho aqui nesta cerimônia, lançando o Plano Safra [Agrícola e Pecuário] 2011-2012, na capital do agronegócio, eu tenho de fazer algumas reflexões. Eu sei que nós somos um dos poucos países do mundo em condição de disputar, a longo prazo, uma posição excepcional na questão de fornecimento de alimentos para o mercado internacional. Alimentos que serão cada vez mais uma das questões de sobrevivência de um mundo em que a renda daqueles que estavam aliados cresce sistematicamente e aumenta a demanda por alimentos e proteína.

Nós somos o segundo exportador do complexo soja, o primeiro em açúcar, café, suco de laranja, carne de gado e frango. Portanto, esta posição também permite que a gente diga que nós somos também aquele país que, por 190 milhões de razões, temos de abastecer com alimento de qualidade e a preços adequados o nosso mercado interno, que está crescendo e será cada vez mais forte. E nós precisamos continuar sendo um dos países em que a tecnologia seja um fator estratégico e fundamental.

Nós sabemos também que a nossa agricultura conquistou ganhos extraordinários de produtividade nos últimos anos. Nós temos de fazer com que a nossa pecuária também conquiste esses graus de eficiência e de produtividade, porque o nosso diferencial será sempre do ponto de vista da nossa capacidade de competir, da nossa capacidade de construir uma agricultura e uma pecuária que sejam e que convivam com a nossa característica de potência ambiental – e depois eu volto nisso. Nós precisamos, portanto, que haja cada vez maior produção com menor uso de terra. É isso que é produtividade: é a nossa capacidade de duplicar, triplicar a nossa produção e, ainda assim, continuar sobrando terras, algumas pelo uso intensivo e que foram degradadas; outras, porque estão disponíveis e vão ser passíveis de serem utilizadas.

Então, este país, que tem essa imensa capacidade de aumentar sua produção, de se tornar cada vez mais o primeiro país do mundo na questão da produção de alimentos, é um fator que não é um problema ocasional, nem conjuntural, é uma questão de Estado e da nação. Não é uma questão lateral, em uma política de governo, a questão da safra agrícola. É uma questão essencial até para o nosso posicionamento no mundo.

E daí, eu parto para a segunda questão, que é a questão da característica do Brasil como potência ambiental. Nós somos uma potência ambiental pela nossa capacidade de ter construído uma agricultura que de todas é a que tem produzido menos redução de florestas no mundo.

Aqueles que nos apontam, muitas vezes, tentando uma competição desleal, dizendo que nós estamos produzindo, como aqui os empresários da cana-de-açúcar já passaram e já sofreram, nos apontam o dedo dizendo: “você estão desmatando a Amazônia e produzindo cana-de-açúcar”, são aqueles que tentam essa forma de competição desleal. Nós, que atuamos nos fóruns internacionais, sempre desconstruímos essas críticas lembrando a nossa produtividade na produção de cana e a nossa produtividade na produção de etanol. Lembrando sempre, também, que nós produzíamos cana, a região de maior produção de cana, a região do Sudeste e do Centro-Oeste deste país distava da Amazônia como Lisboa distava de Moscou, para permitir que se tivesse o mínimo de visão a respeito de uma questão

que era utilizada, principalmente, para tentar diminuir a nossa importância nessa área. Mas por que essa área é importante? Porque nós somos, de fato, o país com a matriz energética mais renovável. A matriz energética mais renovável, na área elétrica, depende da água, mas, na questão da matriz de combustíveis, depende do etanol, da agricultura e, portanto, depende desse casamento bem feito entre agricultura, indústria e área energética.

Se nós, como sociedade, como governo, não tivermos consciência da importância dessa articulação para o mundo, não só hoje, porque hoje é muito importante, hoje é muito importante a agricultura estar na situação em que está, nós termos feito este Plano Safra [Agrícola e Pecuário] do jeito que fizemos. Mas nós o fazemos porque também nós temos, cada um de nós, responsabilidade com o dia de amanhã e com o que seremos nos próximos anos. Este Plano Safra [Agrícola e Pecuário] é uma tentativa de construir essa estratégia.

Por isso, eu queria destacar alguns pontos, e não é só o valor, eu queria destacar as estratégias que o ministro Wagner Rossi, em parceria... Porque é uma tríade: o ministro Wagner Rossi liderando; a Fazenda dando o seu respaldo – e, aqui, eu cumprimento o nosso companheiro Gilson, ao cumprimentar todos os funcionários da Fazenda nessa área – e o Banco do Brasil, tanto o presidente Bendine, como o nosso querido senador do Paraná, o meu querido Osmar. Toda essa tríade, ela se empenhou para reforçar uma estratégia. E que estratégia era essa? Primeiro, nós temos de assegurar para o setor agrícola financiamento adequado. E aí, 80% dos 107,2 bilhões são a juros de até 6,75%. Isso significa juros próximos de zero e significa, portanto, juros compatíveis com aqueles praticados no mercado internacional e nos outros países. Significa dar aos nossos produtores as mesmas armas para competir, tanto lá fora como aqui dentro.

A segunda questão é uma questão muito importante do médio produtor. Uma das melhores características deste Plano, do empenho do ministro Wagner Rossi para fazê-lo, e que me chamou imensa atenção e me encantou – porque eu acho que tem tudo a ver com este Brasil que nós estamos construindo – é essa preocupação do Ministro em atingir o médio produtor. Esse médio produtor que é empresarial, que usa tecnologia e que muitas vezes ficou premido entre o pequeno e o grande, e não teve uma política para ele. Então, o Ministro introduziu essa política e isso tem tudo a ver com o que nós estamos... nós estamos nos transformando em um país de classe média. Tem de ter política para as classes médias deste país, elas têm de ser contempladas.

De fato, nós estamos fazendo um programa especial chamado Brasil sem Miséria, porque nós sabemos que o Brasil cresce quando incorpora os seus 190 milhões no seu mercado. Não é só uma questão ética e moral. É uma questão ética e moral, mas é uma questão econômica e social. Agora, nós temos também uma parte da população que está deixando de ser uma população pobre e miserável e se transformando em uma população de classe média. Muitos chamam “a nova classe média”, outros chamam de “setores médios emergentes”. Não interessa o nome. O fato é que, progressivamente, quanto mais política social nós fizermos, mais teremos uma classe média brasileira que é o nosso objetivo. Ter um país que tenha, no mínimo, um padrão de classe média, que seja consumidor, produtor, trabalhador. E, aí, eu acredito que a gente tem de reforçar a classe média existente. A gente tem de

reforçar e enriquecer as classes médias. Isso é muito importante para o Brasil que nós queremos que seja o Brasil do futuro. Nós só seremos, de fato, a quinta economia, ou quarta, ou terceira ou seja o que for, se nós tivermos esse compromisso de elevar a população brasileira.

E aí, junto com a questão da educação, eu queria saudar a Embrapa porque eu acho que a Embrapa mostra uma forma e um caminho de desenvolvimento, de aplicação em todas as áreas de tecnologia e de conteúdo nacional. O meu compromisso com isso é um compromisso inarredável. Por que ele é um compromisso forte? Porque um país de classe média será sempre aquele capaz de agregar valor baseado no conhecimento, na ciência e na tecnologia.

Na área agrícola nós tivemos um grande salto. Quando a gente representa - como eu faço - o Brasil no mundo, a gente fica com muito orgulho da nossa agricultura porque ela é reconhecida, sabem que nós somos excepcionais na área de adaptação de sementes, em agricultura tropical, na questão da produção de etanol com base na cana, na nossa soja, na produção de proteínas. O que nós temos de fazer é nos empenhar, cada vez mais, para fazer isso.

E aí, eu gostaria de destacar também - que eu acho importantíssimo - o que eu vou chamar de “estratégia do consenso e do diálogo”, do ministro Wagner Rossi, essa estratégia do consenso e do diálogo que ele adotou, tanto para o caso da laranja, quanto para os cafeicultores. Eu acho que nós temos, de fato, de organizar a cadeia de produção, evitar que uma ponta da cadeia se conflite com a outra ponta da cadeia, e perceber que a estabilidade implica, necessariamente, uma determinada repartição de ganhos. Não existe hipótese de uma ponta ser rica, com a outra imensamente pobre; o produtor ser rico sem... aliás, o inverso, o fabricante ser rico, sem o produtor com renda.

Então, eu queria dizer para vocês que, além disso, eu sei da importância da geração de superávits comerciais para o Brasil. Essa geração de superávits para o Brasil é responsável hoje, também, pela nossa robustez nas contas externas, e isso transforma também este país em um país mais estável.

Os senhores sabem que em várias áreas nós temos, e temos tido... algumas áreas vão mais para a frente outras ainda ficam um pouco para trás. Eu queria destacar que eu acho o programa de retenção de matrizes e de incentivo à compra de reprodutores e venda de novas matrizes um dos programas que pode, de fato, melhorar a qualidade do nosso rebanho. E isso é essencial se nós queremos ter, de fato, uma grande presença internacional na área de proteínas.

Finalmente, eu acho que o Ministro trabalhou melhorando os limites, melhorando e acertando em uma questão - junto com a Fazenda e o Banco do Brasil - que é fundamental. Nós temos... Nenhum país vai para a frente, e não há nenhum caso no mundo em que um país chegou a ser desenvolvido, se ele não se tornou mais eficiente em termos das práticas governamentais. E aí, esse imenso esforço de simplificar, desburocratizar e tornar - através do Plano - mais fácil para o agricultor todo ano ter acesso ao seu financiamento, é algo que eu considero também um das características importantíssimas deste Plano.

E, por fim, nós assumimos em Copenhague a meta de redução da emissão de gases de efeito estufa. Entre as metas, que abrangiam energia renovável e outras, tinha duas que eu queria destacar aqui: primeiro, a redução do desmatamento; e a segunda, a meta de práticas ambientalmente sustentáveis, a adoção delas e a percepção de que não havia contradição entre eficiência e melhoria da produtividade e essas práticas, notadamente o plantio direto sobre a palha, a fixação de nitrogênio no solo, e a rotação lavoura-pecuária. Portanto, também, a política, o plano chamado Plano ABC, que é um plano que visa a garantir e assegurar a agricultura de baixo carbono, ele é essencial para que nós tenhamos também competitividade internacional. E as taxas de juros que eles contemplam permitem que haja um grande incentivo para serem adotados.

E, por fim, só faltando um ponto, eu queria destacar a questão da renovação dos canaviais, que é importante, tanto para o produtor agrícola, quanto para o produtor de energia. Renovar os canaviais... eu sei o que aconteceu em 2008, até porque participei das discussões com o setor, mas acredito que essa é uma providência essencial para o país não perder a sua posição em relação ao etanol. E os companheiros do etanol sabem do que eu estou falando.

Finalmente, eu quero dizer que este país tem na agricultura o estuário de três características dele como potência: potência de alimentos, potência energética e potência ambiental. Mas também temos um outro compromisso, que é o fato de que nós temos de ser uma potência social. E alimentos são essenciais, são essenciais para que a nossa população tenha, de fato, as condições e os caminhos para sair de uma situação de desigualdade, das maiores do mundo, para uma situação em que nós nos orgulharemos da situação social deste país.

Eu acredito que ao fim e ao cabo, garantir uma mesa farta para os 190 milhões de brasileiros e brasileiras é, sem dúvida, uma das expressões melhores do que nós podemos chamar de um país rico, sem fome e sem miséria.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia nacional de premiação da 6ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)

Na ocasião estiveram presentes os 504 medalhistas de ouro da competição. A Olimpíada visa a estimular o estudo de Matemática para alunos e professores, contribuir para a melhoria da educação no país e identificar potenciais talentos entre os participantes

Rio de Janeiro-RJ, 21 de junho de 2011

Eu queria, primeiro, cumprimentar cada aluna e cada aluno presentes aqui, nesta cerimônia, cada pai e cada mãe, e cumprimentar também os professores e as professoras. Porque esta Olimpíada de Matemática, ela traz muitos ensinamentos, um dos quais é a perseverança, o estudo, o esforço e, sobretudo, esse imenso e esse fantástico desafio humano, que é querer sempre conhecer, e conhecer mais. Então, eu saúdo cada um. E saúdo também, com muita emoção, todas as pessoas humanas que eu cumprimentei cada um aqui, e cada uma.

Querida, também, dirigir um cumprimento especial para o Pezão, Luiz Fernando Pezão, governador do Rio de Janeiro, meu caro amigo, que representa hoje o governador Sérgio Cabral.

Querida cumprimentar os ministros de Estado aqui presentes: o ministro Fernando Haddad, que é da Educação; o ministro Aloizio Mercadante, que é da Ciência e Tecnologia; o ministro Luiz Sérgio, da Pesca; e a ministra Helena Chagas, da Comunicação Social.

Dirigir um cumprimento muito especial para o nosso prefeito do Rio de Janeiro, e agradecer pela recepção, Eduardo Paes,

Ao professor César Camacho, diretor da Olimpíada de Matemática das Escolas Públicas e Diretor Geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, eu dirijo um cumprimento todo especial, pelo fato de que nós tenhamos chegado até aqui. E, ao agradecer a ele, agradeço a todos os professores de Matemática envolvidos nesta fantástica cerimônia,

Querida também cumprimentar e agradecer ao professor Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências,

A professora Helena Nader, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência,

Querida cumprimentar também a professora Suely Druck, diretora da OBMEP 2010 e, ao cumprimentá-la, quero dirigir também a todos aqueles brasileiros e brasileiras que percebem a importância que a oportunidade tem na vida de cada um. Professora Suely Druck, nossos cumprimentos, agradecimentos e nosso orgulho,

Queria agradecer também aos senhores e senhoras jornalistas aqui presentes, aos cinegrafistas, aos fotógrafos, a todos que se encontram aqui nesta reunião.

Queria também dizer para vocês que hoje para mim é um dia de muito orgulho e alegria. Nós estamos aqui para celebrar o valor da Educação no processo de construção do nosso país. Estamos aqui também para prosseguir em uma jornada que começou muito tempo atrás e que agora está na sua sexta etapa, porque esta é a sexta Olimpíada. E, portanto, eu me sinto muito orgulhosa de, como Presidente da República, estar aqui pela primeira vez.

E acredito que nós estamos em um momento muito especial no Brasil, em que esta cerimônia, ela evidencia todo o potencial do nosso país no sentido de criar uma sociedade que tenha oportunidades muito fortes para os nossos jovens, homens e mulheres.

Eu acredito que o acesso à Educação produz uma revolução pacífica, produz uma revolução onde as armas são o compromisso dos educadores, dos diretores de escola, daqueles professores que aceitam o desafio de transmitir conhecimento para uma geração diferente da sua e, ao mesmo tempo, a arma também é a sede de conhecimento que, principalmente, a juventude tem diante do mundo.

Eu queria dizer para vocês que essa transformação ocorre por todas as comunidades do Brasil e aqui eu vi isso. Eu vi cidades, como evidenciou o professor, como Cocais [Cocal] dos Alves, mas também escolas e colégios que têm um desempenho extraordinário, como são os colégios militares, o Colégio Pedro II, escolas municipais, escolas estaduais, em pequenos e grandes centros.

Se o nosso objetivo é enfrentar e vencer a desigualdade social e econômica que resulta do fato de não haver oportunidades na vida, um dos principais caminhos se encontra aqui, e se encontra vindo de várias direções. Eu reafirmo aqui, nesta cerimônia, que o combate à miséria, a geração de empregos, o desenvolvimento tecnológico, a inovação são prioridades do meu governo, e que a condição para a realização dessas prioridades está em uma educação de qualidade.

Para essa educação de qualidade, nós temos também de reconhecer que a questão essencial é que todo jovem e toda jovem brasileira tem de ter domínio da linguagem, e tem de ter um imenso compromisso também com a Matemática. Nenhum de nós aqui pode desconhecer que a linguagem, o domínio do Português, e o domínio da Matemática são cruciais, são precondições para todos os outros conhecimentos. E por isso, eu queria, neste momento, destacar que o domínio da Matemática é essencial para o nosso país, para que o nosso país seja capaz de gerar conhecimento, inovar produzindo novas tecnologias, tornar-se apto para adentrar a economia do conhecimento. E por isso, nós temos de ter este compromisso, com a formação de estudantes na área de Ciências Exatas, na área da Matemática, da Engenharia, da Física, da Biologia e das Ciências Médicas, por exemplo. Isso significa que o Brasil, para trilhar um caminho que vai nos levar à superação da extrema pobreza, o Brasil precisa trilhar esse caminho simultaneamente com um grande objetivo que é fazer ciência, produzir tecnologia, e levar a inovação a todos e a todas as esferas e setores produtivos, as esferas de atividade humana.

Portanto, eu queria dizer o seguinte para vocês: vocês são o orgulho do nosso país – vocês que receberam medalhas de ouro, de prata, de bronze, vocês que foram classificados nesse processo de seleção duríssimo, que envolveu 20 milhões de brasileiros, o que também é um sinal extraordinário do nosso país, porque demonstra um interesse por essa disciplina que é essencial para o desenvolvimento, o que o Brasil não via nas décadas passadas. E que também é um sinal dos tempos o fato de que nós temos esse imenso orgulho de vocês. É fato que suas famílias, os seus professores, cada um de vocês também têm esse orgulho, mas é importante que vocês saibam que o Brasil se orgulha de vocês. Por que o Brasil se orgulha? Porque é condição para o nosso país avançar em direção a ser um dos grandes países desenvolvidos dos próximos anos e das próximas décadas essa capacidade dos brasileiros e das brasileiras agregarem valor ao que produzirem. E agregar valor, no mundo de hoje, é agregar conhecimento, é agregar saber.

A Matemática talvez seja a ciência mais imprescindível para qualquer esfera do pensamento e da atividade humana, quando se trata de produzir inovações, quando se trata de criar e de produzir conhecimento na área de Ciências Básicas e também quando se trata de produzir tecnologia.

Eu perguntei para vários de vocês o que vocês vão fazer. Muitos me falaram Engenharia; outros me falaram: “vou ensinar Matemática”. Eu acredito que todos, tanto os que me falaram que iam fazer Engenharia quanto os que me disseram que iam fazer Matemática, eles são o futuro do nosso país, e também a construção do presente do nosso país.

E eu queria dizer que merecem nossos parabéns tanto aos 20 milhões que concorreram, como aos que são tetra ou penta medalhistas. Merecem o nosso cumprimento e a nossa imensa homenagem aqueles que foram selecionados neste certame, nesta 6ª Olimpíada, [assim] como os que foram selecionados nas anteriores, nas Olimpíadas passadas.

E eu tenho muito orgulho de ser Presidente de uma nação que conta com meninos e meninas, jovens, brasileiros e brasileiras tão determinados, tão aguerridos e com tanta força pessoal, principalmente, quando nós vemos histórias de superação tão grandes como as que aqui a gente presencia, superação de situações pessoais que são um exemplo para o Brasil.

Acredito que o nosso país precisa muito de bons exemplos porque sem eles as pessoas podem achar que a gente não tem de lutar, pode desistir, não precisa se empenhar. O que eu vi aqui hoje é uma manifestação, que não é de um indivíduo, mas é de um grupo imenso de jovens, no sentido de que é importantíssimo ousar, que é importantíssimo persistir e que nós vamos conseguir transformar o nosso país, se nós tivermos tanto empenho, tanta garra e tanta determinação.

Eu sei que é preciso esforço para que alguém consiga medalha de ouro na 6ª Olimpíada da Matemática e é muito importante que isso se espalhe por todos os rincões do país: Tocantins, Ceará, Acre, Amapá, todos os estados do Nordeste que aqui receberam medalha, as minhas Minas Gerais, o Rio Grande do Sul, o Paraná, o Rio de Janeiro, São Paulo, todas, Roraima, todos os estados, o Piauí. Todos os

estados aqui presentes, eles mostram e demonstram a importância para o Brasil, que é que o nosso desenvolvimento seja feito sem concentração no que se refere às diferentes regiões do país, sem concentração no que se refere ao fato de que muitas pessoas aqui compartilham condições sociais as mais diferenciadas. E isso significa que este país só vai crescer se nós todos nos unirmos em direção a uma mesma ideia, a uma mesma concepção e a um sentimento comum.

Hoje, aqui, nós tivemos uma demonstração de valores que têm de ser importantes para o nosso país, porque um país não é feito só de realizações concretas, de pontes, de estradas, de ferrovias, de obras de energia elétrica e petróleo, não é feito pura e simplesmente disso. É feito disso, mas ele é feito também de valores. E, aqui, um dos valores mais importantes é o valor sagrado do conhecimento, da capacidade do ser humano de, a cada geração, ir além um pouco mais, assim como se faz no esporte. E quem é que pode ir além? Aqui estão meninos e meninas jovens, brasileiros e brasileiras, que podem ir além e que serão os instrumentos para que o Brasil vá além. E nós temos de ter clareza que o tamanho do nosso país tem toda a proporção a ver com o tamanho dos nossos sonhos, com o tamanho da nossa determinação.

E hoje eu tenho certeza de que, na área da Educação, nós assumimos um compromisso fundamental de governo, da pré-escola até a pós-graduação. Nós tivemos e temos projetos como o ProUni, e ele chegou a levar para a universidade, para as universidades privadas, pessoas que não tinham acesso às universidades privadas, como o financiamento do ensino superior e agora, também, do ensino técnico, para possibilitar que, com juros negativos, quem quiser estudar possa estudar, no Brasil. Mas, também, a ampliação das universidades, levando essas universidades, desde o governo do presidente Lula, e agora continuando no meu governo, para todo o interior do país.

E eu queria aproveitar esta oportunidade e dizer para vocês que nós lançaremos também um programa de bolsas de estudo. E, aqui, os selecionados para medalhas da Olimpíada de Matemática são os candidatos a essas bolsas, para além das bolsas já mencionadas pela OBMEP. O governo federal vai lançar um programa de 75 mil bolsas, selecionando as melhores universidades do mundo e garantindo, na área de Ciências Exatas e de Ciências Médicas, o acesso a estudantes, tanto na área de graduação, através das chamadas “bolsas-sanduíche”, como na área de pós-graduação, doutorado e pós-doutorado.

E nós estamos fazendo isso porque nós temos uma riqueza enorme. Essa riqueza se consubstancia aqui em vocês: é a nossa juventude, que nós queremos que tenha acesso, como vários países do mundo fazem, ao que há de melhor no conhecimento humano hoje. Daí porque essa seleção, ela é feita por mérito, por mérito. Nós selecionaremos pessoas como vocês, que chegaram aqui por mérito, para fazer esse programa.

E o ministro Haddad, e o ministro... O ministro Haddad, da Educação, e o ministro Mercadante, da Ciência e Tecnologia, têm o compromisso de começar essa seleção ainda para este semestre que vai se iniciar. Obviamente que nós começamos um pouco mais lento, mas trata-se não de qualquer universidade internacional. O que nós queremos – porque a gente, como eu disse, tem sempre de querer um pouco

mais – é que as nossas bolsas estejam nos Estados Unidos, na Alemanha, na França, e porque não em países emergentes como a China, nas melhores e mais classificadas universidades do mundo.

Isso é um programa que tem a ver com o desenvolvimento do país. Ao mesmo tempo, nós somos um país que temos de ter consciência e cada um de vocês tem de ter esta consciência: de que ainda tem uma pobreza extrema neste país e que nós não podemos aceitar viver com ela.

O meu governo é um governo que olha toda essa complexidade do Brasil, faz um programa como o Brasil sem Miséria, cujo objetivo é tirar 16 milhões de brasileiros da pobreza, ou seja, aqueles que ganham até R\$ 70,00 per capita, por pessoa, em uma família. E, ao mesmo tempo, tem de fazer um programa que visa selecionar o que há de melhor na sua juventude e utilizar a força do governo para financiar, pagando a estadia e a Bolsa Moradia, a entrada na universidade, para esses jovens nas melhores universidades do mundo.

Uma coisa não é contraditória à outra. O Brasil precisa que nós atuemos em todas as áreas, para aqueles que mais precisam e, ao mesmo tempo, para aqueles que serão, sem dúvida nenhuma, o nosso exemplo de oportunidades, porque o que nós queremos é uma sociedade que tenha oportunidades para todos e é isso que nós estamos construindo já.

Eu aproveito este momento para homenagear profundamente os professores e os diretores das escolas públicas brasileiras. Eu reitero o meu compromisso com a valorização do professor. Eu sei a importância do professor e de um diretor para que uma escola mude a sua atitude e construa a possibilidade de um aluno sair do rincão mais remoto do Brasil e chegar a ganhar a 6ª Olimpíada da Matemática.

Nós todos sabemos que os professores e os diretores das escolas públicas são pessoas que não estão sendo premiadas ostensivamente, mas, por trás de cada aluno, tem um professor, um diretor, uma professora ou uma diretora.

E eu queria também dizer que eu desejo toda a sorte para o André, para a Maria Clara e para o Henrique, os três pentacampeões que vão nos representar na Holanda. Desejo a eles toda a sorte possível, mas também toda a garra, o esforço e a dedicação necessários.

Nós aqui juntos temos, como eu disse, de pensar o Brasil de maneira muito ambiciosa. E uma parte da minha ambição e do meu orgulho como Presidenta está aqui.

Eu agradeço aos pais pelo seu apoio e pelo orgulho que a gente vê quando um dos meninos ou uma das meninas chega ali na fila e há aquela manifestação ali da plateia de cima, aquele calor. Eu fiquei imaginando o orgulho que eu teria de ter visto a minha filha aqui. De fato, eu compartilho com vocês essa sensação.

E também queria agradecer, aqui, os que trabalharam pelo sucesso dessa Olimpíada. Primeiro, o governador em exercício Luiz Fernando Pezão, que é responsável por essa maravilha de ter nos cedido... As escolas públicas de todo o

país; as secretarias de Educação municipais e estaduais; o Ministério da Educação; da Ciência e Tecnologia. Quero dar as minhas felicitações, mais uma vez, aos realizadores da Olimpíada de Matemática: o Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada, o Impa, que sempre contou com o apoio da Sociedade Brasileira de Matemática.

Agradeço também aos medalhistas, porque os medalhistas são, de fato, os grandes merecedores dos nossos cumprimentos esta noite – pela garra, pelo esforço e pela energia!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de comemoração dos 60 anos do jornal O Dia

No último dia 5, data de aniversário, o jornal circulou uma edição especial que reuniu as “60 ideias que estão mudando o Rio de Janeiro”, além da história da publicação. A edição especial mapeou projetos de ONGs, de pessoas físicas e dos setores público e privado, analisou o caminho que estão seguindo e os resultados dessas iniciativas

Rio de Janeiro-RJ, 27 de junho de 2011

Eu queria iniciar minha fala cumprimentando este governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, que foi um parceiro do governo federal e dos municípios, e do município do Rio de Janeiro. Mas, sobretudo, um parceiro do povo do Rio de Janeiro.

Eu queria destacar a diferença. Eu estive no governo federal antes de ser presidenta, como ministra-chefe da Casa Civil, e a diferença que nós notamos aqui no Rio de Janeiro, quando o governo do Sérgio Cabral iniciou. E todo o dinamismo e toda a articulação para melhorar o Rio de Janeiro, para dar ao Rio de Janeiro aquilo que o Rio de Janeiro merecia, que era o desenvolvimento de todo o seu potencial. Isso significa que houve o interesse do governador, no que se refere a obras de infraestrutura, a melhorias de investimento, uma siderúrgica, uma refinaria, várias estradas, mas também seu compromisso imenso com o povo mais pobre do Rio de Janeiro, melhorando os investimentos em todos os bairros populares. E também sendo um exemplo para o Brasil, no que se refere às Unidades Pacificadoras, as UPPs. Então, eu inicio com este cumprimento todo especial e fraterno ao Sérgio Cabral, por todas as realizações que nós fizemos juntos e que ainda faremos.

Queria cumprimentar o Pezão, o Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro, e também parceiro do governo federal na construção de todos os grandes projetos que fizemos em conjunto.

Cumprimentar os ministros Helena Chagas, da Comunicação Social, e Luiz Sérgio, da Pesca e Aquicultura. Eu estou com dois ministros cariocas, veja você, Sérgio; dois ministros: uma ministra e um ministro, hoje.

Queria cumprimentar também o meu querido parceiro e também um especial gestor público, um especial articulador de projetos, e com uma capacidade inequívoca de levar o Rio de Janeiro, a cidade do Rio de Janeiro a isso que eu acho que o povo do Rio de Janeiro merece, que é estar de acordo com a beleza desta cidade, com a fantástica maravilha que o Rio de Janeiro sempre se revela diante dos nossos olhos. Então, queria saudar de maneira, também, muito especial o nosso prefeito Eduardo Paes.

Agradeço imensamente à Maria Alexandra Mascarenhas Vasconcellos, presidente do Conselho de Administração da Ejesa. E, de fato, fico impressionada com a

presença das mulheres em várias áreas. No caso da Maria Alexandra, na direção de um jornal que hoje comemora 60 anos, e em uma cerimônia em que eu tenho a honra de estar presente.

Queria cumprimentar os senadores Francisco Dornelles e Lindbergh Farias, aqui presentes,

Queria cumprimentar também o deputado Paulo Melo, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro,

Cumprimentar os senhores e as senhoras deputadas federais Alessandro Molon, Benedita da Silva, Marcelo Matos e Miro Teixeira,

Queria agradecer também a este momento todo especial que foi a premiação, cumprimentando a Lucinha Araújo, presidente da Sociedade Viva Cazuza, e, de fato, mãe de um dos maiores artistas e cantores que este país conheceu,

O sargento Márcio Alves, da Polícia Militar do Rio de Janeiro,

O José Júnior, coordenador do grupo AfroReggae,

O Martinho, o Martinho, o eterno Martinho, o Martinho que animou toda a minha geração, e que para nós sempre foi um amigo, um parceiro e uma pessoa comprometida com o Brasil,

A professora Sueli Pontes Gaspar – eu não tenho nem como me manifestar aqui diante desta maravilha que é o fato de que uma professora tenha uma consciência profunda do que significa para o Brasil abrir oportunidades para as crianças, e o fato de que esta professora é a grande heroína do processo que ela chamou de “formiguinha”, que passa por milhões e milhões de professoras e professores anônimos, que são os responsáveis – podem ter certeza – pela melhoria da Educação no Brasil,

Queria cumprimentar todos os convidados,

As senhoras e os senhores profissionais da imprensa,

Os senhores jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos aqui presentes,

É, sem sombra de dúvida, com grande satisfação que eu participo desta cerimônia de comemoração dos 60 anos de um dos jornais mais populares do Brasil. E é importante que a gente considere também este Jornal como um jornal imensamente inovador. Inovador, pelo fato de que ele tem, não só através do seu projeto gráfico, do profissionalismo dos jornalistas que aqui trabalham, mas também pelo fato da fórmula que o Jornal utiliza, que é tornar acessíveis à população do Rio de Janeiro informações, divulgando situações e conhecimentos.

Eu gostaria de destacar que essa preocupação, ela consiste em identificar as necessidades das pessoas, além de prestar a informação. Porque identificar as necessidades das pessoas é levar a elas referências daquilo que as mobilizam. E,

aí, eu queria destacar que este é um jornal que mostra onde conseguir um emprego, como fazer para receber uma aposentadoria. Por isso, ele honra o nome que tem: ele é um jornal do dia, é um jornal que lida com as necessidades, que lida com os anseios e que lida com as esperanças da população. Além de – como foi extremamente destacado aqui – também se referir, ser uma referência em relação ao que é o Rio de Janeiro. Eu fiquei extremamente impactada com o depoimento, aqui, do nosso companheiro do AfroReggae, dizendo que O Dia ajudou a promover o AfroReggae.

Eu queria destacar também que o Jornal, ele hoje, nesses 60 anos – e como disse a Maria Alexandra, olhando para o futuro – ele é um jornal... Olhando para o futuro mas, também, lembrando sempre do passado, é um jornal que se insere em um momento especial do Brasil: o momento em que nós superamos, de fato, a ditadura e superamos as características mais negativas dela, que são a falta de liberdade de expressão, a falta de liberdade de comunicação e a censura sistemática.

Eu acredito que O Dia surge, também, num momento especial do Brasil. Ele passou por toda uma fase, passou por toda a história do Brasil, ele viveu 60 anos de Brasil. E, agora, nós podemos dizer que ele vive um dos momentos mais especiais, em que o Brasil tem... não só conseguiu, com a suas próprias forças e seu grande esforço, superar os efeitos de um processo de arbítrio mas, também, construiu uma sólida democracia no mundo. E essa construção de uma das mais sólidas democracias, ela converge também para um processo de ampliação das bases da nossa sociedade. Nós também nos tornamos um país mais democrático. Se somos hoje a sétima economia do mundo, somos também, inequivocamente, um país que se democratizou ao mudar seu modelo de desenvolvimento, ao crescer e distribuir renda.

Eu queria destacar que hoje, no jornal, a imprensa vai noticiar, ou está noticiando na internet um estudo da Fundação Getúlio Vargas, do professor Marcelo Neri que mostra que, de 2003 – ano da eleição do presidente Lula – até maio deste ano, cerca de 40 milhões, aproximadamente 40 milhões de brasileiros chegaram à classe média. E chegaram à classe média vindos das camadas mais pobres da população. Para a gente ter uma ideia do que significam esses quase 40 milhões – na verdade 39,5 milhões – para a gente ter uma noção dessa proporção, é como se nesse período nós tirássemos da pobreza e elevássemos para a classe média toda a Argentina, que tem 41 milhões de habitantes, ou um pouco mais do que duas vezes a população do Chile, que tem em torno de 17 milhões de habitantes. É um feito enorme.

E esse feito, ele é muito importante, porque significa que todos esses brasileiros e essas brasileiras se juntaram a um contingente de cidadãos, de cidadãos com maiores condições: têm mais acesso à educação, à saúde, aos bens de consumo, à informação e aos jornais. E nós sabemos que esse processo vai continuar, porque tem um empenho do governo brasileiro, e eu tenho certeza, da sociedade brasileira, da nação brasileira. Por quê? Porque nós, através dos programas que nós estamos desenvolvendo, juntamente com o fato de que o Brasil mudou – e o Brasil mudou – está progressivamente comprometido com um fato: dar oportunidade para todos, mas olhar para aqueles que são mais pobres e transformar essa situação superando a miséria, a pobreza extrema.

Para nós, superar a pobreza extrema tanto é um desafio, mas também um compromisso moral e ético, mas sobretudo é importante que todos percebam que isso tem um efeito direto sobre a situação econômica.

Nós somos um dos países BRICS – dos BRICS – não porque nós tenhamos certas características de PIB: o nosso PIB cresce, somos uma economia emergente. Nós somos uma economia emergente porque nós somos uma população de 190 milhões de pessoas, 190 milhões que podem ser consumidores, 190 milhões que são o limite do nosso potencial. O nosso potencial de crescimento não é o petróleo que nós temos, não é o minério que nós temos, nem tampouco a agricultura ou nossa indústria sofisticada. O nosso potencial são os 190 milhões que a Sueli está ajudando a transformar em brasileiros cidadãos. Porque eu concordo com a Sueli: o caminho da igualdade de oportunidades é a educação, ela é o grande caminho.

Por isso, eu tenho certeza de que o Brasil vai continuar crescendo. Por isso, eu tenho certeza de que ele vai precisar cada vez mais de jornais e de uma imprensa livre, de jornais que criem acesso ao povo trabalhador brasileiro, que levem a ele as informações que ele deseja e, ao mesmo tempo, ele abra a gama de discussões, de desafios, de inquietações e de ansiedades que são próprias do desenvolvimento, quando as pessoas ascendem socialmente.

Nós temos certeza de que a multiplicação de novos meios de comunicação vai ser um fato deste século XXI, com a internet e todas as outras formas digitais que a informação assumirá. Mas eu creio, também, que o jornal vai continuar sendo um dos instrumentos fundamentais, pelos quais as pessoas criam relações sociais. Porque o jornal não informa, só, ele cria vínculos e laços numa população, numa comunidade. Se O Dia é a cara do Rio de Janeiro é porque ele serve ao povo do Rio de Janeiro.

E, aí, eu gostaria de encerrar me dirigindo aos cinco homenageados: ao Martinho da Vila, cujas canções embalsamaram e fizeram sonhar tantas gerações de brasileiros, em especial a minha, Martinho; à Lucinha Araújo, mulher e cidadã, batalhadora e lutadora, exemplo da bravura e da doçura das mães brasileiras; ao Márcio Alves que, no cumprimento do seu dever, se tornou o herói das crianças, do povo do Rio de Janeiro e do Realengo, e motivo de admiração de todos nós; ao José Júnior, cujo trabalho à frente do AfroReggae é exemplar daquele que deve ser nosso compromisso cotidiano de remover as barreiras que separam uma parcela da nossa população da cidadania plena, e o respeito a formas de cultura tão especiais, tão fantásticas, que nós devemos acolher e, sobretudo, incentivar; à Sueli Gaspar, educadora que acredita... Eu tenho certeza, viu, Sueli, como todos nós aqui, que a educação de qualidade é transformadora, é capaz de revolucionar a vida de cada um dos brasileiros e de toda a sociedade.

Cada um de vocês é referência para a mudança que queremos no Brasil. Cada um de vocês é exemplo de dedicação, luta, criatividade e engajamento, atributos necessários e importantíssimos para que nós construamos um Brasil cada vez mais justo, mais digno de sua população.

Reitero minhas congratulações à direção e à equipe de jornalistas do jornal O Dia por este aniversário de 60 anos - tão jovens! Todos os “sessentões” aqui, como eu, acham muito jovem o Jornal - e pela reconhecida e conhecida qualidade do trabalho dos seus jornalistas e funcionários.

Parabenizo também o jornal O Dia por ele ter assumido, por meio do Instituto Ary Carvalho, um compromisso inequívoco com a transformação da sociedade brasileira, apoiando atividades culturais, educacionais e de saúde em comunidades do Rio de Janeiro.

Quero também felicitar o grupo editorial Ejesa pela escolha do Museu Histórico Nacional como cenário para esta celebração. Aqui – ou muito perto daqui – nós começamos a virar uma nação. Portanto, é um momento muito especial, em que nós paramos e meditamos sobre... e refletimos sobre toda essa trajetória, e o fato de que depende de nós construirmos juntos um futuro para este país. Esse futuro, nós começamos já a construir hoje, no presente. E eu queria, mais uma vez, destacar os gestores do Rio de Janeiro: seu governador e seu prefeito, e os nossos homenageados, como símbolos dessa possibilidade que nós temos, que é, além de uma possibilidade, um potencial efetivo, concreto, que nós vamos realizar nos próximos anos.

Muito obrigada.

Discurso do Presidente da República em exercício, Michel Temer, durante cerimônia de entrega da 11ª edição do Prêmio Destaque Agência Estado Empresas

Na ocasião, foram agraciadas as dez melhores companhias de capital aberto com melhor desempenho para seus acionistas em 2010

São Paulo-SP, 28 de junho de 2011

Bom, eu quero muito rapidamente, nesta introdução, dizer que o hábito é repetir o nome de todos aqueles que já foram repetidos ao longo das várias falas, não é?

Mas, de toda maneira, eu peço licença para saudar o governador Geraldo Alckmin,

O Afif Domingos, nosso vice-governador,

O Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

O Sílvio Genesini, em nome de quem eu cumprimento toda a diretoria e funcionários do Grupo Estado,

O Fernando Exel, que é presidente da Econômica,

Os amigos Gandour, Daniel, José Aníbal, José Gregório, Chalita, o embaixador Barbosa, Bosco, João Bosco Rabello, Calabi,

Saúdo também o prefeito Gilberto Kassab, que aqui esteve,

E, correndo o risco de esquecer um ou outro nome eu quero dizer, desde logo, que a minha primeira palavra é uma saudação da presidente Dilma Rousseff. Os senhores e as senhoras sabem que ela estava agendada para vir aqui e, como disse o Sílvio, ela teve que antecipar a viagem ao Paraguai e pediu-me que aqui viesse representar o governo federal nesta festa que, interessante aos meus olhos, Sílvio, tem uma simbologia muito coincidente com a atuação do governo. Porque é interessante como eu noto aqui, pelas várias manifestações e, especialmente, pelos premiados, como você me lembrava há pouco, que há uma coincidência de dois temas: o crescimento econômico do país e a inclusão social.

Quando nós verificamos os premiados, nós verificamos que vários dos premiados dão o significado de uma inclusão social extraordinária. Eu pude observar que alguns dos premiados, certa e seguramente, cresceram muito em face do grande aumento da classe C do país, da classe média brasileira. A classe média brasileira passou a consumir muito mais e, com isso, permitiu o crescimento extraordinário que aqui foi revelado pelo Exel, não é? Há muito tempo, parece, não se dava esse índice de dois dígitos, não é? E esses dois dígitos foram alcançados com muita facilidade, nos últimos anos.

E curioso, também, e eu quero registrar esse fato, da absoluta coincidência entre a atividade governamental e o que diz a nossa Constituição brasileira, não é? Muitas e muitas vezes nós nos esquecemos que os governos não de pautar-se por aquilo que estabelece a Lei Maior do nosso país, e a Lei Maior do nosso país estabelece a liberdade de iniciativa e o incentivo à liberdade de iniciativa. Não é sem razão que o BNDES, capitaneado pelo Luciano Coutinho, tem prestigiado tanto a livre iniciativa no nosso país porque trata-se, sem dúvida alguma, de uma determinação da soberania popular, quando criou o Estado brasileiro em 5 de outubro de 1988.

Portanto, essa tranquilidade que hoje nós vivemos em matéria econômica, na verdade, é uma via de duas mãos: de um lado, a atividade governamental, pautada, como disse, pelo texto da Constituição Federal; mas, de outro lado – esta é a outra via, Gandour – que é exatamente a colaboração que o empresariado brasileiro deu ao nosso governo. Não fosse o entusiasmo do empresariado brasileiro, evidentemente que o governo não alcançaria os índices positivos que tem alcançado – não só aqui no nosso país, mas pelo reconhecimento que tem tido no exterior.

Então, esses pressupostos são fundamentais para explicar esta premiação que aqui se dá. E como aqui também se falou em transparência – e a transparência é importante para todo e qualquer setor do país – essa transparência se dá pela liberdade mais absoluta de comunicação, a liberdade de imprensa, a liberdade relativa aos direitos individuais, aos direitos humanos, que têm sido patrocinados, todos esses temas, pela presidente Dilma. Não é sem razão que, desde o seu discurso, quando foi vitoriosa, ela logo ressaltou esses aspectos.

E me dizia o Sílvio, presente que se achava em uma reunião internacional, que foi o primeiro momento em que ela usou uma frase, que veio sendo repetida ao longo do tempo, que é muito significativa desse estado de coisas, quando dizia... disse naquela ocasião e repetidamente afirmou: “mais vale uma liberdade de imprensa em um regime democrático do que o silêncio da ditadura”.

Então, essa expressão... É interessante como essas afirmações dos homens públicos, das pessoas que exercem o governo têm uma repercussão extraordinária na atividade interna do país. As pessoas sentem que as instituições estão solidificadas, porque se não há instituições sólidas, as pessoas não investem.

E eu, aqui, dou ao governador Geraldo Alckmin uma experiência pessoal que tive ao longo do tempo, nas várias vezes em que presidi a Câmara dos Deputados e nas vezes em que presidi o meu partido político: quando nós recebíamos aqui aqueles que queriam investir no Brasil, fazendo muitas vezes associações com empresas brasileiras, a primeira coisa que perguntavam era: “o que vai acontecer no futuro?”, “o que vai acontecer sob o foco político, sob o foco das liberdades, sob o foco econômico?”, porque as pessoas querem estabilidade.

E nós, aqui no Brasil – lamento dizê-lo – nós temos muita mania de editar leis sobre leis, nós adoramos fazer novas leis. E é interessante que o Direito, ele só existe para dar estabilidade às relações sociais. Se você modifica demais a normatividade jurídica nacional você cria, de alguma maneira, instabilidade. No plano tributário, por exemplo, que é o que mais interessa aos empresários, é uma coisa pavorosa. A

cada modificação tributária, surgem dezenas, centenas, senão milhares de ações no Judiciário, e isso cria uma instabilidade social.

E nós estamos caminhando para um sistema, prezado José Aníbal, em que o governo percebe essas realidades e vai solidificando cada vez mais as nossas instituições. Elas estão tranquilas sob o foco político, estão tranquilas sob o foco econômico, estão tranquilas sob o foco das liberdades individuais – no particular, a liberdade de imprensa. Então, eu quero registrar isso com muita ênfase, para dizer que esse é o caminho traçado pelo nosso governo, pelo governo da presidente Dilma Rousseff.

E aqui, quando eu verifico que a Agência Estado estabelece uma solenidade especial para premiar as empresas de capital aberto que mais se destacaram ao longo desses últimos tempos, esse fato tem uma significação extraordinária, porque serve de incentivo para todas as empresas brasileiras. Em primeiro lugar, porque trata-se de uma avaliação feita por um órgão de imprensa, por um organismo de imprensa que tem anos e anos de tradição, de seriedade e de competência, e ligada à Economia, que faz a análise, digamos, material daqueles que devem ser premiados. Quando, aqui, os companheiros receberam o prêmio, eles se sentiram mais e mais incentivados a prosseguir no crescimento do nosso país.

Então, aqui, ao cumprimentar a Agência Estado e todos aqueles que a ela servem, e, ao cumprimentar aqueles que foram premiados, eu digo: interessante, o Brasil está mesmo no caminho certo; está fazendo o crescimento com inclusão social.

Meus parabéns, portanto.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na primeira sessão da 41ª Cúpula de Presidentes dos Estados Partes do Mercosul e Estados Associados

Entre os resultados esperados para a Cúpula, encontram-se a adoção do Plano Estratégico de Ação Social do Mercosul (Peas), o estabelecimento de novas regras que permitirão a plena retomada dos trabalhos do Parlamento do Mercosul e a aprovação, no âmbito do Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul (Focem), de projeto conjunto dos quatro Estados Partes sobre pesquisa, educação e biotecnologia aplicadas à saúde

Assunção-Paraguai, 29 de junho de 2011

Excelentíssimo senhor presidente Fernando Lugo, presidente da República do Paraguai. Eu agradeço as suas palavras de boas-vindas.

Excelentíssimo senhor José Mujica, presidente da República Oriental do Uruguai,

Excelentíssimo senhor Rafael Correa, presidente da República do Equador,

Excelentíssimo senhor Angelino Garzón, vice-presidente da República da Colômbia,

Senhor Héctor Timerman, ministro das Relações Exteriores da Argentina,

Senhor Alfredo Moreno, ministro das Relações Exteriores do Chile,

Senhor Rafael Ramírez, ministro de Energia e Petróleo da Venezuela,

Senhor Takeaki Matsumoto, ministro das Relações Exteriores do Japão,

Senhores chefes de delegação de países associados,

Senhoras e senhores convidados especiais,

Senhoras e senhores integrantes das delegações,

Senhoras e senhores representantes de organismos internacionais,

Senhoras e senhores,

Cumprimento o presidente Fernando Lugo pela excelente condução da Presidência Pro Tempore do Mercosul durante o primeiro semestre de 2011. Agradeço sua generosa acolhida neste encontro, mais uma vez. Felicito-o também, e ao povo do Paraguai, pela comemoração do Bicentenário da Independência do país irmão. Não há forma melhor de celebrar essa data histórica do que atingindo um crescimento de mais de 15% em 2010.

Cumprimento todos os presidentes pela maneira dinâmica com que vêm conduzindo suas economias e pelos índices de crescimento atingidos pelos PIBs dos diferentes países.

Esses feitos nos dão muito otimismo em relação ao futuro, não só do nosso Mercosul, como também dos países associados. Podemos nos orgulhar, neste momento, de havermos acreditado num projeto de desenvolvimento voltado para os povos e as sociedades dos nossos países, afirmando nossa soberania e integração. Estamos construindo uma grande área sul-americana de paz, democracia, justiça social e desenvolvimento. Por ela seguiremos trabalhando convictos.

Agradeço, de forma mais ampla, o apoio dos parceiros do Mercosul à eleição do José Graziano da Silva em sua candidatura ao cargo de diretor-geral da FAO. Tenho certeza de que Graziano trabalhará com o mais elevado sentido de profissionalismo em prol de todos os Estados membros daquela importante agência. Esta não é uma vitória do Brasil, mas de todo o grupo de países latino-americanos e caribenhos que, com solidariedade, apoiaram a nossa candidatura.

Prezados colegas Presidentes,

Novos ventos vêm soprando em nossa região e isso é muito auspicioso. O crescimento incrível do Paraguai em 2010 foi acompanhado por avanços também significativos do Uruguai, da Argentina, do Brasil e dos demais países associados.

Trata-se de um modelo de crescimento, único no mundo, que estamos criando e aprendendo a desenvolver. Nele, o crescimento não é apenas a expansão numérica do Produto Interno Bruto, é muito mais. É um processo de geração compartilhada de riqueza, preservando nossa soberania, vinculada à uma visão do desenvolvimento que se quer socialmente justo e ambientalmente sustentável.

Nosso modelo busca a prosperidade pela incorporação das grandes massas historicamente excluídas. A inclusão social tornou-se motor de nossas economias, não o contrário, como insistiram – e fracassaram, no passado – governantes e economistas desvinculados de nossas realidades nacionais.

Progredimos, ademais, na estabilidade da democracia, duramente conquistada ao longo de nossa história. Uma história nem sempre pródiga em exemplos de responsabilidade e humanidade em relação aos menos favorecidos, ou tolerante do ponto de vista da pluralidade do pensamento político e da ação social. Crescemos irmanados e, para tanto, construímos, nesses últimos vinte anos, mecanismos institucionais próprios.

O Mercosul tem sido a plataforma fundamental e, em vinte anos, criamos e consolidamos a união aduaneira. Ainda que imperfeita, dentro dela o comércio intrarregional cresceu de US\$ 5 bilhões em 1991, para US\$ 44,5 bilhões em 2010, cifra superior aos níveis pré-crise alcançados em 2008.

Não paramos de trabalhar no aprofundamento e na facilitação das nossas relações econômicas e comerciais. No ano passado aprovamos o Código Aduaneiro do

Mercosul. Lançamos a negociação do acordo de investimentos. Decidimos criar um protocolo de contratações públicas. Acreditamos que as compras do Estado devem apoiar a inovação e o desenvolvimento científico e tecnológico, preparando nossas empresas e sociedades para a economia do conhecimento.

Temos objetivos definidos para uma política de livre circulação de pessoas, bens e serviços. Adotamos plano de promoção de direitos civis, culturais e econômicos, com o propósito de assegurar igualdade de condições e de acesso ao trabalho, à saúde e à educação.

Enquanto países mais prósperos e desenvolvidos desmontam o Estado de bem-estar social, os países do Mercosul investem cada vez mais em programas de proteção social. Experiências bem-sucedidas de transferência de renda, criação de empregos e elevação do salário difundem-se por nossa região.

A prevalência de uma lógica de diálogo e cooperação – por oposição à lógica da confrontação – em zona livre de armas nucleares e de conflitos étnicos distingue hoje o Mercosul e a nossa Unasul de outras áreas do mundo. Essa é nossa contribuição para a promoção da paz e da segurança mundiais.

Meus caros Presidentes, amigos e amigas aqui presentes,

Temos o que comemorar, mas ainda há muito que fazer. Recentemente, por exemplo, nós lançamos o programa Brasil Sem Miséria, pelo qual pretendemos resgatar 16 milhões de brasileiros que ainda vivem em condições de pobreza extrema. Nele, a pobreza não será apenas um número. Nós, hoje, conseguimos detectar e dar nome, endereço e sobrenome a cada um dos mais pobres do país. Utilizaremos, dessa forma, os meios mais eficientes e, em vez de o Estado brasileiro ser procurado ansiosamente pelos pobres, ele passará a procurá-los para que essas pessoas melhorem de vida, ascendendo à produção, ao consumo, ao mundo da cultura e à cidadania.

Por isso, o Plano Estratégico de Ação Social, feito aqui dentro do Mercosul é extremamente importante para todos nós. Contamos com a liderança do presidente Mujica, que assume a Presidência Pro Tempore do Mercosul no segundo semestre, para seguirmos avançando.

Temos de enfrentar também as assimetrias entre os sócios. O Focem, nesse contexto, é exemplo do que podemos construir juntos, realizando projetos de grande relevância.

Precisamos promover maior integração de nossas cadeias produtivas, estimulando parcerias entre as empresas da região, sobretudo as de pequeno e médio porte. O empreendedorismo, ele gera empregos, promove inovação e expande as oportunidades de negócio num mercado ampliado como o nosso.

É essencial multiplicar iniciativas de intercâmbio de estudantes, professores e pesquisadores. Urge criar um sistema acessível e operacional de bolsas de estudo entre nossos países.

Abrem-se perspectivas de investimento em setores estratégicos como energia, petróleo e gás, agroindústria e automotivo. É fundamental aumentarmos o conteúdo regional de nossos produtos industriais, fomentando a transferência de tecnologia e a inovação.

Por sua vez, as eleições diretas de parlamentares do Mercosul reforçarão a legitimidade e o enraizamento popular do processo integracionista.

O Mercosul deve ser moldura para uma relação equitativa com outros países e polos no cenário mundial. É importante, nesse contexto, concluirmos as negociações do acordo de associação com a União Europeia.

Nosso olhar deve se voltar também para o comércio Sul-Sul, que apresenta dinamismo sem precedentes, com crescimento mais expressivo do que o verificado entre os países desenvolvidos. Exploremos formas de aproximar o Mercosul de países em desenvolvimento, sobretudo os países africanos, árabes e asiáticos, que oferecem amplas possibilidades de intercâmbio e cooperação ainda inexploradas. Dediquemo-nos a aprofundar as relações do Mercosul com os parceiros associados, recorrendo, sempre que necessário, a fórmulas e parâmetros criativos.

Caros Presidentes, amigos e amigas,

Para continuarmos no rumo certo, é necessário avaliarmos o presente para pensarmos o futuro, pois o mundo passa por grandes transformações.

A crise que atingiu o Planeta em 2008 ainda não foi superada. Os Estados Unidos, por exemplo, passam por enormes dificuldades de recuperação, com a economia crescendo muito abaixo do esperado. Já a União Europeia está enfrentando uma situação dramática, com seus membros também passando por graves crises de ordem fiscal e financeira, privada e pública.

O caso da Grécia, de Portugal, da Irlanda e até da Espanha pode ter consequências negativas, afetando muitas economias. Os países em desenvolvimento da América Latina, nesse contexto, têm um desempenho muito mais dinâmico, mas muitos de nós têm sofrido as consequências do excesso de liquidez produzido pelos países ricos, que compromete nossa competitividade e tem sido o principal fator responsável pelas pressões inflacionárias existentes.

Devemos cuidar para que nossos mercados venham a servir de estímulo ao nosso crescimento, desenvolvendo e gerando emprego e renda para nossos povos. Precisamos avançar na agregação de valor para nossos produtos.

Nos países do Mercosul, nós devemos estar bem atentos ao que se passa no mundo. Nesse momento de excepcional crescimento da região, identificamos que alguns parceiros de fora buscam vender-nos produtos que não encontram mercado no mundo rico. Para essa questão específica, precisamos avançar no desenvolvimento de mecanismos comunitários que venham a reequilibrar a situação. Noto que está em discussão, na Comissão de Comércio, uma proposta brasileira que permite atender a essa preocupação. É importante que nós consigamos concluir essa discussão ainda durante a Presidência Pro Tempore do Uruguai.

Somente seremos capazes de seguir aprofundando as oportunidades que surgirão se tivermos uma estratégia conjunta sobre a vocação e o futuro do nosso bloco e, sobretudo, sobre a forma em que vamos nos inserir no mundo multipolar em construção.

Estou segura de que o alto representante-geral do Mercosul, o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, dará contribuição valiosa para esse exercício, promovendo ideias novas e propostas de ação.

Que cada grande realização conjunta seja fonte de estímulo e inspiração para seguirmos adiante na plena realização de nossas perspectivas excelentes.

No Mercosul, a prosperidade de um tem de ser a prosperidade de todos.

Muito obrigada.